

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**50 ANOS DEPOIS: A BOMBA ATÔMICA NO *SMITHSONIAN* E SUA RELAÇÃO
COM A MEMÓRIA ESTADUNIDENSE**

MARINA PELLANDA ZIMMER

Orientador: ARTHUR DE LIMA AVILA

Porto Alegre,
Novembro de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

50 anos depois: A Bomba Atômica no *Smithsonian* e sua Relação com a Memória
Estadunidense

MARINA PELLANDA ZIMMER

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação
em História da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para a obtenção de título de
Licenciatura em História

Orientador: Arthur de Lima Avila

Porto Alegre,

Novembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Neste trajeto tive muitas pessoas que me apoiaram, e sem elas nada disso seria possível, é por isso que tenho muita coisa a agradecer.

Primeiramente gostaria de agradecer ao Arthur Avila, meu orientador não só neste trabalho de conclusão de curso, mas durante quase todo meu trajeto acadêmico. Quando eu entrei no curso a minha ideia sempre foi trabalhar com Idade Média. E aqui estamos. Longe demais de onde eu comecei, mas muito feliz pelas minhas escolhas, por ter achado um campo maravilhoso e é por isso que tenho muito a agradecer. Obrigada por ter me selecionado para a bolsa dois anos e meio atrás e ter me trazido para a teoria, que agora tem meu coração. Muito obrigada, sem as orientações e conversas nunca teria conseguido cumprir este trabalho.

Gostaria de agradecer às minhas amigas e amigos maravilhosos sem os quais eu simplesmente teria sucumbido no primeiro ano da graduação. Obrigada Pedro, Bruna, Popis, Leo, Zazá, Ceci, Ally, João, Anne, Maria e Lucy. Vocês são grande parte da minha vida então muito obrigada, obrigada pelo companheirismo e pelas risadas nos grupos sem as quais tudo isso seria muito mais difícil.

Obrigada também às amigas lindas que a faculdade me deu. Bárbara e Maiara, minhas companheiras de estágio, com certeza tudo ficou muito mais fácil com vocês ao meu lado, muito obrigada por estarem lá desde o início e sempre prontas para ajudar com minhas dúvidas loucas. À Lívia, companheira de linha de estudo, obrigada pelas ajudas, espero que a gente ainda continue muito tempo juntas nessas pesquisas que ainda vão longe. Nos amigos conquistados ao longo do curso, muito obrigada pelas risadas e estudos.

À minha família não tenho nem palavras. Só posso agradecer, por tudo. Por terem me dado a melhor educação que conseguiram, por terem sempre me incentivado em tudo que eu quisesse percorrer e estar sempre, desde que eu me lembre, do meu lado. Sem vocês nada seria possível, literalmente. À Paula, minha prima/irmã, aqueles 40 dias de mundo sem tu nele não tiveram graça, obrigada por ser minha parceira no crime desde que nasceu. Podemos estar longe (e põe longe nisso!), mas sempre estaremos perto no coração uma da outra. Vô Lize e Vó Nize, vocês são maravilhosos e sempre me incentivaram em tudo. Vó obrigada pela inspiração dessa profissão de educadora que tenho certeza que será muito linda, se eu for um décimo tão maravilhosa quanto tu, vou ser muito realizada. Vô, obrigada por não só dividir o

aniversário comigo, mas também muito carinho e amor, tu sempre esteves aqui por mim e por isso tem minha gratidão eterna. Amo muito vocês. Vó Hedi, muito obrigada por sempre me receber e ser minha companheira de todas as horas, não importa o que estiver acontecendo, vou estar aqui e vou te amar para sempre. As fases ruins vão passar, mas nosso amor vai ficar.

À Rafaela, que acho que nem entende muito bem o que é um TCC mas mesmo assim é sempre minha maior torcedora. Mana, a mana te ama muito e sem ti eu não aguentaria nada. Desde que tu nasceu tu é a luz da minha vida e sou muito grata por todo o amor que a gente têm. Te amo!

Pai e Ca, mesmo de longe desde o início desta jornada vocês me acompanharam e estiveram sempre torcendo por mim, perguntando das provas e vibrando com cada novidade. Vocês me incentivam a ser sempre a melhor versão que eu puder de mim mesma e espero um dia cumprir com as expectativas. Obrigada pelo apoio de sempre. Obrigada por me receberem sempre de braços abertos, se eu pudesse me dobraria em duas para poder estar sempre com vocês. Quando não estou aí estou sempre com muitas saudades, amo muito vocês. Pai, que sempre me apoiou mesmo eu não tendo escolhendo a profissão que tu querias, muito obrigada. Obrigada por fazerem a saudade diminuir cada pouquinho cada vez que nos falamos.

Mãe, tu és minha inspiração. Tudo que eu sei eu aprendi foi contigo e tu vai ser para sempre minha maior *ídola*. Todas as viagens, todas as conversas e tudo que tu me ensinaste são as coisas mais importantes para mim e eu nem tenho como agradecer por tudo. Sério, parece superficial qualquer coisa que eu pudesse dizer porque tua ajuda e teu apoio em todos os momentos foram muito mais do que importantes ou fundamentais. Te amo demais, obrigada por tudo. Todas as revisões de texto e ajuda nos estudos (mesmo tu não entendendo quase nada) me botaram onde estou hoje. Enfim, sem ti nada seria possível, obrigada por ser a melhor companheira que a vida poderia me dar.

Por fim, Andrei, a gente se conheceu no primeiro semestre e não podemos dizer que foi à primeira vista, mas foi a história que fez nossos caminhos se cruzarem. Por isso eu também tenho que agradecer a ela. Desde então tu sempre foste meu companheiro nas cadeiras, nos estudos – na procrastinação - e em tudo. Nos momentos mais difíceis de TCC e fins de semestre tu sempre me apoiou e esse companheirismo todo na faculdade – e na vida - com certeza foi o que me fez chegar aqui. Te amo muito e amo nossos caminhos, se a gente vai juntinho vai bem. Obrigada por tudo, bae!

RESUMO

O uso da bomba atômica no fim da Segunda Guerra Mundial trouxe graves consequências para a sociedade contemporânea. Não apenas significou a morte de milhares de vidas, mas também iniciou uma corrida de fabricação de armas nucleares cujo medo ainda pode ser sentido na atualidade. No ano de 1995, em comemoração dos cinquenta anos do fim da Segunda Guerra, e conseqüentemente do lançamento da primeira bomba atômica, uma exposição seria lançada no *Smithsonian*, famoso museu estadunidense localizado em Washington, D.C. Essa exposição traria um ponto de vista mais sombrio, onde as vítimas da bomba teriam protagonismo e cada visitante sairia sabendo que armas nucleares são muito negativas para a humanidade. Porém, a ideia não correu como planejado e a exposição foi cancelada devido a fortes críticas por parte de veteranos de guerras, políticos, da mídia e da sociedade estadunidense. Este trabalho pretende compreender essa polêmica e o que estava em disputa neste momento da história. Estudando a historiografia é importante entender o evento do uso da bomba atômica e o debate em relação à exposição e por isso esta pesquisa se propõe a fazer esta análise e compreender a disputa dos Estados Unidos dos anos 1990 e sua batalha pela história.

Palavras-chave: bomba atômica; história; memória; *Crossroads*; *Smithsonian*.

ABSTRACT

The use of the atomic bomb in the end of the Second World War brought severe consequences for the contemporary society. It did not just mean the death of thousands of lives, but also initiated a race to the fabrication of nuclear weapons, with a fear that can still be sensed in present days. In the year 1995, celebration of the fiftieth anniversary of the end of the war, and consequently of the launch of the first atomic bomb, an exhibition would be inaugurated in Smithsonian, famous American museum located in Washington, D.C. This exhibition would bring a darker point of view, where the victims of the bomb would have a central part and where which visitor would leave knowing that nuclear weapons are very negative for humankind. However, the idea did not go as planned and war veterans, politicians, media, and the American society canceled the exhibition due to strong criticism. This research intends to understand this polemic and what was in dispute in that moment of history. Studying the historiography is important to understand the event of the use of the atomic bomb and the debate about the exhibition and that is why this research intends to make this analysis and understand the dispute of the United States of the decade 1990 and its battle for history.

Key words: atomic bomb; history; memory; Crossroads; Smithsonian.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1 – O uso da bomba atômica e seus desdobramentos para a sociedade estadunidense	
1.1 – <i>The New York Times</i> : a bomba atômica e Pearl Harbor.....	15
1.2 – O evento modernista e a bomba atômica.....	19
1.3 – Passado, memória e história: a base teórica para o conflito de 1995.....	21
1.4 – Visões sobre o uso da bomba atômica: um histórico de perspectivas.....	30
Capítulo 2 – Uma sociedade em conflito: a exposição <i>Crossroads</i>	
2.1 – <i>Crossroads</i> : a ideia da exposição e seus objetivos.....	33
2.2 – O debate sobre a exposição <i>Crossroads</i> e seu desenvolvimento.....	36
Considerações Finais.....	44
Bibliografia.....	46

INTRODUÇÃO

Uma das grandes polêmicas da sociedade estadunidense na década de 1990 ocorreu em torno de uma exposição – que nem mesmo chegou a ser lançada – chamada *Crossroads*, que ocorreria no museu Smithsonian, no NASM (National Air and Space Museum), situado em Washington, DC, Estados Unidos. Nesta exposição, prevaleceria uma análise crítica sobre as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki em 1945, com a alegação de que esta ação acabaria definitivamente com a Segunda Guerra Mundial no Pacífico. A exposição começou a ser pensada em 1991, mas o primeiro *script* foi divulgado apenas em 1993, pensado por historiadores e curadores em conjunto. A exposição seria inaugurada em 1995, sob a forma de um memorial dos cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial. A ideia era transmitir uma mensagem clara de que os horrores da bomba atômica nunca mais precisassem ser presenciados pela humanidade. A exposição teria como ícone central o avião Enola Gay, que lançou a primeira bomba atômica, sobre a cidade de Hiroshima.

O *script* foi divulgado inicialmente para pequenos grupos de interessados, como a AFA (Air Force Association). Em 1994, depois de alterados diversos enfoques da exposição mais humanizada, foi lançado outro *script*, já com as mudanças sugeridas pelos historiadores militares. Porém, a exposição ainda estava longe de agradar antigas associações de veteranos de guerra, pois a visão deles estava fixa em como a bomba foi necessária e que qualquer outra alternativa teria representado a perda de milhares de vidas, não só estadunidenses como também japonesas. Ao mesmo tempo em que ocorria esse debate, a mídia entrou no conflito acusando o Smithsonian de antiamericanismo e assim fazendo suas críticas também ao museu, que estaria ignorando críticas consideradas válidas pela própria mídia feitas pelos veteranos de guerra.

A exposição *Crossroads* imaginada inicialmente acabou por nunca ocorrer, nem mesmo com todas as revisões em seu roteiro. Apenas o avião Enola Gay (avião responsável pelo lançamento da bomba com seu capitão Paul Tibbets), foi exposto, restaurado, e a exposição nova continha apenas isso, a história de sua restauração. A análise da bomba inexistiu no NASM, Smithsonian, após o debate.

Face a esse contexto, a presente pesquisa se propõe a analisar a memória sobre as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Durante o meu primeiro ano de pesquisa PIBIC

UFRGS, analisei a construção do evento histórico a partir do momento em que ocorreram os fatos, através principalmente da mídia dos jornais estadunidenses da época. Para dar continuidade ao estudo, me proponho a agora analisar a construção da memória sobre a bomba e os debates teóricos sobre a mesma, principalmente na celebração dos cinquenta anos de suas ocorrências. O objetivo é compreender como tais eventos foram historicizados e/ou memorializados nos Estados Unidos dos anos 1990, e assim compreender como a memória do evento estudado se torna tão importante quanto o evento em si.

O uso da bomba atômica trouxe muito desconforto para os Estados Unidos desde a época da guerra. Isso pode ser demonstrado através do descaso com o avião Enola Gay, que liberou a bomba em Hiroshima. O avião ficou em um depósito até 1984, quando a pressão de veteranos surtiu efeito e começou a ser restaurado pelo Smithsonian. Houve, no período que precedeu a inauguração da exposição sobre a Bomba Atômica no NASM, em 1995, muitas críticas ao Smithsonian, por sua traição, antiamericanismo, ou sua contracultura. Logo, em meu TCC, pretendo analisar o problema da memorialização do evento do uso da bomba atômica. A delimitação espacial será os Estados Unidos, especialmente levando em conta os conflitos da década de 1990 sobre a história. Pretendo analisar esse contexto a partir do conceito de tempo e memória de Chris Lorenz, que escreve sobre a concepção dominante de tempo, que propõe uma nova concepção de tempo, onde as três dimensões temporais podem coexistir.

Existem bibliografias sobre o tema da comemoração da bomba e seus usos na década de 1990. *“History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past”*¹, um compilado de autores e seus pontos de vista sobre este evento, organizado por Edward T. Linenthal e Tom Engelhardt. *“Hiroshima The Origins of Global Memory Culture”*², escrito por Ran Zwigenberg também trata sobre a questão da bomba atômica, mas sem o foco nos debates dos anos 90. Outros que tratam sobre o assunto são: R. J. B. Bosworth, em seu livro *“Explaining Auschwitz and Hiroshima: History Writing and the Second World War 1945-*

¹ LINENTHAL, Edward. T. ENGELHARDT, Tom. *History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past*. Metropolitan Books, Henry Holt and Company, Inc. New York. 1996.

² ZWIGENBERG, Ran. *Hiroshima The Origins of Global Memory Culture*. University Printing House, Cambridge CB2 8BS, United Kingdom. Cambridge University. United Kingdom. First published 2014.

1990”³ e Roy Rosenzweig e David Thelen em “*The presence of the past: popular uses of history in American life*”⁴.

Em 2015, a revista *Thesis Eleven* lançou um volume com uma série de artigos em relação aos setenta anos das bombas atômicas. Trabalharei com alguns desses artigos, que muitas vezes também se relacionam com a memória da bomba. O primeiro, escrito por Henry A Giroux, do Canadá, intitulado “*Hiroshima and the responsibility of intellectuals: Crisis, catastrophe, and the neoliberal disimagination machine*”, trabalha com o silêncio dos intelectuais estadunidenses sobre o que o autor chama de “maior ato de terrorismo cometido por um Estado”. Susan Neiman também escreve sobre Hiroshima, mas aqui ela compara o “esquecimento” do evento em relação à Auschwitz, em “*Forgetting Hiroshima, remembering Auschwitz: Tales of two exhibits*”, usando exposições em museus para levantar questões de como Hiroshima e Auschwitz são lidados no presente, e sobre como cada Estado lidou com a vergonha e com a culpa de seus respectivos eventos. Ela escreve que a questão de Hiroshima ainda permanece muito controversa. Nesse artigo, ela apresenta a exposição *Crossroads*, que também irei analisar, e a compara com a exposição alemã “*Extermination War: Crimes of the Wehrmacht 1941–44*”. Outro artigo que retrata a questão de Hiroshima e Nagasaki é escrito por Michael J Shapiro, intitulado “*Hiroshima Temporalities*”, onde o autor argumenta que Hiroshima fica ressurgindo em meios artísticos, especialmente quando comparando o evento com outras subsequentes atrocidades. Keith Tester é outro autor que analisa Hiroshima, em seu artigo “*Hiroshima: Remembering and forgetting, everything and nothing*”, no qual se questiona se é de fato possível lembrar de Hiroshima, e se sim, que tipo de memória é construída? O artigo se utiliza de um filme, “*Hiroshima Mon Amour*”, de Alan Resnais, lançado em 1959. Maja Zehfuss, em seu artigo “*(Nuclear) war and the memory of Nagasaki: Thinking at the (impossible) limit*”, escreve sobre o medo da bomba atômica, que mesmo setenta anos depois de ser usada ainda existe, pois o mundo ainda permanece em conflito. A partir daí, pergunta-se se Hiroshima deixou rastros em nossos pensamentos. Resumidamente, a autora pretende analisar como, através da memória, é representada a violência e como ela se relaciona especificamente com as bombas atômicas.

³ BOSWORTH, R. J. B. *Explaining Auschwitz and Hiroshima: History Writing and the Second World War 1945-1990*. First published 1993 by Routledge, London.

⁴ ROSENZWEIG, Roy e THELEN, David. *The presence of the past: Popular Uses of History In American Life*. Columbia University Press. New York. 1998.

Tendo feito um panorama de várias leituras sobre o assunto, acredito que seja importante escrever sobre a questão da construção da memória de Hiroshima e Nagasaki para os Estados Unidos. Estive vinculada com a pesquisa do professor Arthur Avila, intitulada “O ‘Sequestro’ da História dos Estados Unidos: as guerras culturais e a revisão do passado estadunidense na década de 1990 em três polêmicas”, e através dela pude ter a oportunidade de entrar em contato com essas questões com as quais trabalharei em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Muito por já ter trabalhado com esse tópico, me interessei pelo tema das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki e, a partir do segundo semestre dentro da minha pesquisa de iniciação científica, trabalhei com essa questão. No primeiro ano, me dediquei a entender um evento histórico moderno, o fenômeno da bomba atômica e suas controvérsias, analisando esse evento a partir de sua construção, depois do ataque a Pearl Harbor, em 1941. Para isso, analisei como os eventos históricos foram vistos na época em que ocorreram e assim pesquisei certos jornais tanto do ataque a Pearl Harbor como do dia em que a Bomba Atômica foi lançada sobre Hiroshima. Esses documentos foram analisados de acordo com a teoria de Hayden White sobre o que caracteriza um evento modernista.

Sendo assim, no segundo ano de pesquisa pretendi me aprofundar mais em como tais eventos foram historicizados e/ou memorializados nos Estados Unidos da década de 1990, quando da celebração dos cinquenta anos de suas ocorrências. A partir dessas pesquisas, resolvi estudar essa questão e, assim, trabalhar com a bomba atômica e o seu significado para os Estados Unidos dos dias atuais em meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Sendo assim, me utilizei de Hayden White para a compreensão do evento modernista, lendo o uso da bomba atômica em 1945 como sendo este tipo de evento. Assim, para White⁵, o evento modernista, por ser, de uma certa forma, impensável até sua ocorrência e, principalmente, por conta de seu significado para a memória coletiva de uma dada sociedade, acaba colocando problemas tanto para sua representação quanto para sua significação. Por isso, como coloca o próprio White, funcionam como traumas para aqueles por eles afetados e lançam sombras em direção ao presente, sendo “passados que não passam”. Assim, quando analisada a partir de sua ocorrência, o uso da bomba pode ser considerado um evento modernista, e para isso serão analisados os jornais do dia de seu acontecimento, para compreender como a memória sobre ela foi se formando gradualmente.

⁵ WHITE, Hayden. *The Modernist Event*. 1995. In: WHITE, Hayden. *Figural Realism: studies on the mimesis effect*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

Para esta pesquisa, pretendo analisar certos autores que trabalham primariamente a relação entre história e memória. Segundo Margaret Macmillan⁶, a maneira que o público reage a uma determinada maneira de se ver a história está relacionada com seu presente. Parece ter sido o que aconteceu no caso do Enola Gay no Smithsonian, pois quando os historiadores tentaram problematizar o uso da bomba, isso pode ter se tornado perturbador para uma expressiva parcela da audiência.

Sobre o contexto temporal dos debates, Chris Lorenz⁷ escreve que a concepção dominante de tempo mudou de linear e irreversível para não-linear, reversível e não progressista. Isso permite entender que o passado poderia viver no presente, tanto como o futuro pode estar presente no presente. De acordo com Berber Bevernage e Chris Lorenz⁸, uma ideia de progresso começou a se desintegrar na década de 1980 e então a ideia de que podemos melhorar o passado tomou seu lugar. Por isso, é aqui que a noção de memória se tornou o denominador comum para ancorar o passado nas experiências coletivas de grupos específicos desde a década de 1980. Por estes motivos, os autores citam o historiador John Torpey, quando escreve que o passado está constantemente relacionado com as experiências do dia-a-dia, e que essa relação diz respeito à um “colapso do futuro”, ou de uma crescente dificuldade de criar visões políticas progressistas, segundo o autor: “Quando o futuro colapsa, o passado entra.”

Sobre a memória foi estudado o autor Enzo Traverso⁹, que escreve que a memória é uma construção, com filtros de conhecimentos adquiridos posteriormente (seja por reflexões ou outras experiências que vão modificando a maneira de ver o acontecimento). Porém, segundo ele, um “curto-circuito” entre a história e a memória pode ter consequências prejudiciais para o trabalho do historiador. Talvez tenha sido esse o caso ocorrido por finais do século XX nos Estados Unidos.

Ainda sobre o conceito de memória, trabalhando também com identidade, Elizabeth Jelin¹⁰ escreve que a relação entre memória e identidade é de fato profunda, tanto que as vezes se torna quase banal. O que aconteceria é que o núcleo de qualquer identidade de um povo

⁶ MACMILLAN, Margaret. **Usos e Abusos da História**. Editoria Record, Rio de Janeiro, 2010.

⁷ LORENZ, Chris. Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time. **International Journal for History, Culture and Modernity**. Published by: Amsterdam University Press.

⁸ BEVERNAGE, Berber, LORENZ, Chris. Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future. **Storia della Storiografia**, 63. 1/2013.

⁹ TRAVERSO, Enzo. Usos políticos del pasado. In: In: El pasado, instrucciones de uso. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

¹⁰ JELIN, Elisabeth. Los trabajos de la memoria. Madrid: Siglo XXI, 2002.

está ligado a um sentido de pertencimento, que seria explicado pela memória. No caso dos Estados Unidos isso foi demonstrado fortemente justamente pelos debates sobre a memória coletiva do país. Quando se luta por uma história revisionista, onde os antigos heróis passam a ser vilões, se implica em modificar um senso de identidade baseado em visões anteriores da história.

Isso parece ser recorrente na teoria de vários autores, de como a disputa pela memória pode influenciar o presente. Andreas Huyssen¹¹ é um dos autores que trabalha com os usos e abusos do esquecimento público e, em sua visão, a memória seria considerada crucial para a coesão social e cultural da sociedade. Todos os tipos de identidade dependeriam dela. “Uma sociedade sem memória é um anátema”¹². O que Huyssen escreve dialoga então com a questão também trabalhada por Jelin, de que a memória é um fator crucial para um povo se identificar como tal. Huyssen, que estuda sobre a memória pública e o que chama de história cultural, assim o autor não trabalha apenas com o conceito de memória, mas também de esquecimento. Comentando sobre o evento do Holocausto o autor escreve “É nesse ponto que o foco intenso nas lembranças do passado pode bloquear nossa imaginação do futuro e criar uma nova cegueira no presente. Nesse estágio, talvez convenha limitarmos o futuro da memória, a fim de nos lembrarmos do futuro.” (HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. 2014. Página 174).

No presente trabalho, pretendo analisar o problema da memorialização do evento Bomba atômica. O que Hiroshima significa para os Estados Unidos do dia de hoje? Pouco depois de ser lançada houveram muitas críticas, após este período então, há um fenômeno de ignorar o ocorrido, para chegar em um consenso de que o uso da bomba foi um ato de “bondade” dos estadunidenses. Irei utilizar aqui a exposição para pensar o objeto do uso da bomba atômica.

Para isso, o trabalho foi dividido em dois capítulos e conclusão. No primeiro capítulo, será analisado o evento da bomba atômica como evento modernista. A partir desse ponto, foi traçado um paralelo da análise dos jornais de Pearl Harbor (1941) e de Hiroshima (1945). Em cada trecho, pode-se compreender como cada evento é representado e é com essa base que o evento da bomba atômica foi enquadrado no evento modernista de Hayden White. Seguindo a teoria sobre o evento e sobre a polêmica dos anos 1990, estudando Chris Lorenz e Berber

¹¹ HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de Arte do Rio, 2014.

¹² Idem, página 157.

Bevernage. Nesta parte do primeiro capítulo, será realizada a discussão teórica sobre a polêmica da exposição *Crossroads*, o ponto de vista de diversos autores e a base teórica para o momento e a disputa pela memória. Neste ponto, é importante analisar a memória e seu papel para a sociedade estadunidense da época, além de entender a busca por uma identidade na década trabalhada.

A segunda parte desse capítulo consiste em um panorama da visão de autores sobre o tema da bomba atômica e a base de seu significado para os Estados Unidos. Essa discussão é pertinente para o segundo capítulo, que entrará mais profundamente no debate do ano de 1995.

Assim, no segundo capítulo deste trabalho, o foco é a exposição do NASM, Smithsonian e os debates por ela gerados, explicitando o que foi o projeto original da exposição, como foi sua montagem e principalmente quais eram seus objetivos antes de ser completamente alterada devido a todas as críticas. Segue-se, deste modo, para a sociedade estadunidense em ataque, a discussão sobre a exposição do NASM. Neste momento, serão explicitadas as diferentes visões sobre a exposição *Crossroads*.

CAPÍTULO 1 - O uso da bomba atômica e seus desdobramentos para a sociedade estadunidense

1.1 - *The New York Times*: a bomba atômica e Pearl Harbor

Desconstruir conceitos é importante para desenvolver o espírito crítico na compreensão da História. A sociedade estadunidense foi construída em torno de bases que acabam por se revelar frágeis, à medida que as analisamos de maneira mais profunda, e também podem ser observadas com a passagem do tempo através dos conflitos que elas continuam gerando. É nessa linha que a presente pesquisa é guiada, pois, através da construção da memória da Bomba Atômica (Hiroshima e Nagasaki, 1945) podemos entender estas bases de uma história construída pelos estadunidenses. Analisarei neste capítulo a formulação do evento da Bomba, com o objetivo de entender como foi a relação desta com a sociedade estadunidense. Primeiramente, será examinado o jornal *New York Times*¹³, comparando o evento ocorrido em 1945 em relação ao de Pearl Harbor (ataque à Base Militar Naval estadunidense situada no estado do Havaí, e que resulta na entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial). De forma relacionada, também é relevante entender o que foi o evento em si, e por isso é pertinente trabalhar as bases historiográficas da questão das bombas atômicas.

Para justamente servir a este propósito, analiso o autor Hayden White, que define o evento modernista como um evento histórico de impacto profundo¹⁴, um acontecimento que só se torna possível no século XX e antes disso não poderia ter sido imaginado. Para ele, esses eventos não podem ser totalmente esquecidos e nem adequadamente lembrados, pois não teriam como se contextualizar em uma memória coletiva, e ainda seria muito difícil entender um significado para aquele determinado evento que não fosse ambíguo - especialmente para os grupos diretamente afetados pelo evento. Nessa pesquisa, pude analisar exatamente essa representação do evento no momento em que ele ocorreu, e como isso já simbolizava uma certa linguagem para se trabalhá-lo e entendê-lo no futuro.

¹³ As fontes dos jornais *The New York Times* são encontradas disponíveis online, através do sítio <http://query.nytimes.com/search/sitesearch/>, que disponibiliza, através da busca os jornais e reportagens antigas para análise e/ou curiosidade do público leitor.

¹⁴ WHITE, Hayden. O evento modernista. **Lugar Comum**, número 5-6. Página 196.

O mesmo White, em “*Figural Realism: Studies in the Mimesis Effect*”, no capítulo “*The Modernist Event*”¹⁵ usa diferentes representações, como a linguagem do filme, com o fim de analisar eventos modernistas como a Segunda Guerra Mundial e o evento do uso da bomba atômica que, por conta de seu significado para a memória coletiva da humanidade, acabam colocando problemas tanto para sua representação quanto para sua significação. Por isso, como coloca o próprio White, funcionam como traumas para aqueles por eles afetados e lançam sombras em direção ao presente, sendo “passados que não passam”. Assim entendido, o evento modernista é de difícil determinação quanto ao seu espaço temporal, pois embora possamos saber onde teve origem, como no caso da Bomba, é muito difícil de determinar o seu fim pois ele ainda pode afetar, e de fato afeta, as pessoas no presente, mesmo depois de gerações.

Analisando o *The New York Times* sobre o dia de Pearl Harbor, do dia oito de dezembro de 1941 podemos observar a surpresa dos estadunidenses em relação a esse ataque em seu território, como demonstrado em alguns trechos:

The initial attack in Hawaii, apparently launched by torpedo-carrying bombers and submarines, caused widespread damage and death. It was quickly followed by others. There were unconfirmed reports that German raiders participated in the attacks.¹⁶

The news of these surprise attacks fell like a bombshell on Washington. President Roosevelt immediately ordered the country and the Army and Navy onto a full war footing. He arranged at a White House conference last night to address a joint session of Congress at noon today, presumably to ask for declaration of a formal state of war.¹⁷

The White House took over control of the bulletins, and the Navy Department, therefore, said it could not discuss the matter or answer any questions how the

¹⁵ Idem, página 199.

¹⁶ O ataque inicial no Havaí, aparentemente realizado por bombardeiros carregados com torpedos e por submarinos, causou danos generalizados e morte. Primeiro ataque foi rapidamente seguido por outros. Houve relatos não confirmados de que caças alemães participaram dos ataques.

¹⁷ A notícia sobre estes ataques-surpresa caiu como uma bomba em Washington. O Presidente Roosevelt ordenou imediatamente que o Exército e a Marinha entrassem em estado pleno de guerra. Ele organizou uma reunião na Casa Branca na noite passada, para preparar um discurso no Congresso ao meio dia de hoje, presumivelmente para solicitar a declaração formal do estado de guerra.

Japanese were able to penetrate the Hawaiian defenses or appear without previous knowledge of their presence in those waters.¹⁸

Administration circles forecast that the United States soon might be involved in a world-wide war, with Germany supporting Japan, an Axis partner. The German official radio tonight attacked the United States and supported Japan.¹⁹

Reports from Hawaii indicated that Honolulu had no warning of the attack. Japanese bombers, with the red circle of the Rising Sun of Japan on their wings, suddenly appeared, escorted by fighters.²⁰

A report from Admiral C. C. Bloch, commander of the naval district at Hawaii, expressed the belief that "there has been heavy damage done in Hawaii and there has been heavy loss of life."²¹

The formal positions of the United States and Japanese Governments toward the war were officially set forth by the release at the White House of the text of President Roosevelt's message of yesterday to Emperor Hirohito and by the Japanese document handed Ambassador Grew in Tokyo.²²

The President's message expressed a "fervent hope for peace" and outlined the dangers of the situation.²³

The President, recalling that the United States had been directly responsible for bringing Japan into contact with the outside world, said that in seeking peace in the Pacific "I am certain that it will be clear to Your Majesty, as it is to me, that * * * both Japan and the United States should agree to eliminate any form of military threat."²⁴

¹⁸ A Casa Branca tomou controle dos boletins, e o Departamento da Marinha, portanto, disse que não ia discutir o assunto ou responder quaisquer questões de como os japoneses foram capazes de penetrar as defesas havaianas ou aparecer sem conhecimento prévio de sua presença naquelas águas.

¹⁹ Círculos da administração preveem que os Estados Unidos logo devem estar envolvidos em uma guerra global, com a Alemanha do lado do Japão, uma parceira do Eixo. A rádio oficial alemã hoje à noite atacou os Estados Unidos e mostrou apoio ao Japão.

²⁰ Relatórios do Havaí indicam que Honolulu não teve nenhum aviso do ataque. Bombardeiros japoneses, com o círculo vermelho do Sol Nascente do Japão em suas asas, apareceram subitamente, escoltados por caças.

²¹ Um relatório do Almirante C. C. Bloch, comandante do distrito naval no Havaí, expressou a crença de que "houve grandes danos no Havaí e houve grandes perdas de vidas".

²² A posição formal dos Governos dos Estados Unidos e Japão em relação à guerra forma oficialmente estabelecidas pelo lançamento na Casa Branca do texto do Presidente Roosevelt da mensagem de ontem para o Imperador Hirohito e pelo documento japonês dado para o Embaixador Grew em Tóquio.

²³ A mensagem do presidente expressava uma "fervente esperança por paz" e delineava os perigos da situação.

²⁴ O presidente, lembrando que os Estados Unidos foram diretamente responsáveis por trazerem o Japão em contato com o mundo externo, disse que buscando a paz no Pacífico "Estou certo de que ficará claro para Sua

The Japanese document, despite the obviously carefully prepared attack on American bases, insisted that: "On the other hand, the American Government, always holding fast to theories in disregard of realities and refusing to yield an inch on its impractical principles, caused undue delay in the [peace] negotiations."²⁵

Comparando essas notícias com o jornal *The New York Times*, do dia seguinte em que a bomba atômica foi lançada, aproximadamente quatro anos depois, podemos observar um certo tom de autoridade, chegando inclusive a mencionar um “sóbrio reconhecimento de poder”, como também podemos observar nos seguintes trechos:

The announcement, first given to the world in utmost solemnity by President Truman, made it plain that one of the scientific landmarks of the century had been passed, and that the "age of atomic energy," which can be a tremendous force for the advancement of civilization as well as for destruction, was at hand.²⁶

It was to spare the Japanese people from utter destruction that the ultimatum of July 26, was issued at Potsdam. Their leaders promptly rejected that ultimatum. If they do not now accept our terms, they may expect a rain of ruin from the air the like of which has never been seen on this earth.²⁷

President Truman grimly told the Japanese that "the end is not yet."²⁸

É interessante observarmos que no primeiro evento, as notícias vinham explicitadas com muita informação, com pouca análise de fato sobre o evento ocorrido, funcionando mais como um relato. No segundo fenômeno, da bomba atômica de Hiroshima, podemos ver uma análise mais aprofundada do caso e também de suas possíveis consequências futuras. Nesse momento, pois, a nação estadunidense tinha se tornado ciente de seu poderio bélico. Como podemos observar, as representações dos eventos nos jornais já traziam em si mesmas uma

Majestade, como é para mim, que *** ambos Japão e Estados Unidos deviam concordar em eliminar qualquer forma de ameaça militar.

²⁵ O documento japonês, apesar de obviamente cuidadosamente preparado ataque na base americana, insistia que “ Por outro lado, o Governo Americano, sempre se segurando rapidamente a teorias desprezando realidades e recusando a ceder um centímetro em seus princípios impraticáveis, causou um indevido atraso nas negociações de paz.

²⁶ O anúncio, primeiramente dado ao mundo em maior solenidade pelo Presidente Truman, deixou claro que um dos marcos científicos do século foi ultrapassado, e que a “era da energia atômica”, o que pode ser considerado uma tremenda força para o avanço da civilização assim como para destruição, estava disponível.

²⁷ Foi para poupar os japoneses de uma destruição total que foi feito o ultimato de 26 de julho, emitido em Potsdam. Os líderes japoneses rejeitaram prontamente o ultimato. Se eles não aceitarem agora nossos termos, eles podem esperar uma chuva de ruína através do ar de forma que nunca foi vista nessa terra.

²⁸ Presidente Truman sombriamente disse aos japoneses que “o fim ainda não havia chegado”.

determinada leitura das histórias a serem contadas sobre eles, assim como de sua significação futura para os Estados Unidos.

1.2 - O evento modernista e a bomba atômica

Por conta dessa breve análise dos jornais de ambos eventos podemos entender a representação do evento modernista como trabalhado por White. Em sua teoria, esses eventos não poderiam ser imaginados antes do século XX, mas poderiam ter acontecido em séculos anteriores:

“[...] através da tecnologia científica e procedimentos racionalizados de governo e de guerra (dentre esses, o genocídio de seis milhões de judeus europeus perpetrado pela Alemanha é paradigmático) – funcionam na consciência de certos grupos sociais exatamente como traumas infantis são concebidos para funcionar na psique de certos indivíduos neuróticos. Isso significa que não podem simplesmente serem esquecidos ou tirados da cabeça nem, por outro lado, adequadamente lembrados, isto é, identificados claramente e sem ambiguidade quanto a seu significado, e contextualizados na memória do grupo, de forma a reduzir a sombra que projetaram sobre a capacidade do grupo de entrar em seu presente e visualizar um futuro livre de seus efeitos debilitantes.”²⁹

O autor esclarece que, em seu ponto de vista, todos os eventos históricos são únicos, porém podem ser comparados com outros de uma mesma espécie (por isso o Holocausto como se enquadrando em um evento modernista). Ainda, o fato de que só poderiam ser imaginados no século XX os diferenciam de outros, como por exemplo a Revolução Russa (1917), que, segundo o autor, poderia ter acontecido antes ou depois do tempo em que ocorreu, pois, as condições materiais e ideológicas já existiam antes do evento em si.

Em relação ao evento da bomba atômica propriamente dito é importante destacar um trecho do autor sobre os afetados pelos eventos modernistas:

²⁹ WHITE, Hayden. O evento modernista. **Lugar Comum**, número 5-6. Página 196.

“[...] para os grupos mais imediatamente afetados por tais eventos e ou por eles marcados, os significados permanecem ambíguos e que, apesar de seu comprometimento com o passado ser dificilmente efetuado, isso não implica, de forma alguma, que tais eventos jamais aconteceram. Ao contrário, não apenas sua ocorrência foi amplamente atestada como seus feitos, remanescentes nas gerações e sociedades atuais – ainda que não tenham tido qualquer contato direto com eles – estão em documentos de fácil acesso. Entre as consequências observadas, deve ser assinalada a dificuldade sentida pelas atuais gerações quanto a um acordo sobre seu significado – e com isso estou tratando de como os fatos estabelecidos por tais eventos podem expressar a natureza de nossos atributos socioculturais, neste momento, e que tipo de atitude devemos ter em relação a eles enquanto preparamos um futuro. Em outras palavras, o que se discute aqui não são os fatos, em si, relacionados a tais acontecimentos, mas a condição de que tais fatos podem ser vistos como agentes de possíveis significados diferentes.”³⁰

O evento histórico, como trabalhado por White, sofreu uma grande transformação enquanto resultado de um fato, pois atingiu escala e profundidade inimagináveis para os historiadores do passado. A representação da imagem do evento abre variadas interpretações do mesmo, mas sempre do ponto de vista de que aquela imagem foi como realmente aconteceu. Na teoria do autor, no nosso mundo moderno, as novas maneiras possíveis de narrar um evento, ou demonstrá-lo, se adequam mais ao novo tipo de evento e assim rompendo barreiras com o antigo modo de contar histórias (utilizadas pelos historiadores do passado).³¹

Sobre a temática do evento modernista, também escreve Arthur Avila³². Sobre White, ele escreve que os eventos modernistas do século XX nos legaram a “história quente”, como trabalhada por Chris Lorenz. São passados que não passam, deixando suas marcas no presente. Sendo assim um presente que não escapa de si mesmo, como trabalha Lorenz. Essa questão é muito relevante para a compreensão do conflito sobre a bomba atômica dos anos 1990 e por este motivo é aprofundada no segundo capítulo.

³⁰ Idem, página 197.

³¹ Ibidem, página 200.

³² AVILA, Arthur. (In)disciplinando a história: do passado histórico ao passado prático. 2015.

1. 3 - Passado, memória e história: a base teórica para o conflito de 1995

Chris Lorenz foi um autor muito importante para este trabalho pois discute as relações do passado e da memória. Sua teoria de que o passado está cada vez mais presente no presente foi base para presente pesquisa. Seu artigo, intitulado “*Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time*”³³ traz muito sobre esta questão. Lorenz escreve que a maioria dos historiadores entendem que o passado de fato passa e por isso se distancia do presente, porém isso seria uma ideia errada, e a ideia de que o passado fica para trás e vai “esfriando” se torna muito mais uma passagem da memória para a história. O que teria acontecido é que para os historiadores a distância de tempo de um evento para o momento em que ele está sendo estudado marcaria essa ruptura entre o passado e o presente e isso transformaria o passado em um objeto de saber.

Chris Lorenz traz que:

“Present definitions of the relationship between history and memory have typically remained ambiguous. This ambiguity is explained by the problematic distinction between the past and the present. Historians have been rather reluctant in recognizing the fact that this fuzzy distinction represents a problem for the idea of history as a “hot” history. I mean a past that does not “cool off” by itself and that remains present. It concerns a past that remains toxic, contested, and divisive in a political, social, moral and – often also – legal sense. So “hot” history is essentially “Vergangenheit, die nicht vergehen will” – “the past that won’t go away” – in Ernst Nolte’s formulation. One may also label it “post-traumatic” history, as Aleida Assmann does, or, “catastrophic” history, as John Torpey calls it. Or one could call it “the terror of history”, as Eliade did long ago and Dirk Moses did recently. One could also call this type of history “haunting” history, as Henri Rousso and some anthropologists do, because the ghosts of the past keep on haunting the living in the present.”³⁴³⁵

³³ LORENZ, Chris. *Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time*. **International Journal for History, Culture and Modernity**. Published by: Amsterdam University Press. HCM 2 (1): 43–62

³⁴ Idem, página 45.

³⁵ “Definições atuais da relação entre história e memória têm tipicamente permanecido ambíguas. Essa ambiguidade é explicada pela distinção problemática entre passado e presente. Historiadores têm sido relutantes em reconhecer o fato de que essa distinção representa um problema para a ideia de história como uma história “quente”. Quero dizer um passado não se “esfria” por si só e isso permanece no presente. Se refere a um passado

A partir desta questão dos passados, Chris Lorenz escreve que a concepção dominante de tempo mudou de linear e irreversível para não-linear, reversível e não progressista. Essa nova concepção nos permite pensar em uma simultaneidade temporal e coexistência de presente e futuro, porque não pressupõe que as três dimensões do tempo são separadas umas das outras, o que significa que o passado poderia viver no presente, tanto como o futuro pode estar presente no presente. Essa nova concepção do tempo, como sendo reversível é importante porque nos permite pensar em outras maneiras de lidar com o passado, como, à exemplo do autor, as “políticas de arrependimento” e “políticas de reparação”.³⁶

De acordo com Berber Bevernage e Chris Lorenz³⁷, quando a ideia de progresso começou a se desintegrar na década de 1980 (aqui progresso como sendo a ideia de que podemos fazer o futuro, sendo ele melhor que o presente e o passado), a ideia de que podemos melhorar o passado tomou seu lugar. A partir deste momento é que a noção de memória se tornou o denominador comum para ancorar o passado nas experiências coletivas de grupos específicos desde a década de 1980. Para Lorenz, isso é importante porque a ideia de que podemos melhorar o passado através da reparação das injustiças é completamente nova:

“Now this idea to “improve” the past by repairing past injustices is the most salient phenomenon in international and domestic politics of the last decades. I am now referring to reparation politics, to the offering of official apologies, to the creation of truth commissions, to historical commissions concerning the compensation of slave labour and robbed property, to commissions of historical reconciliation, etc. All these actions represent attempts in the present to redress injustices performed in the past by states and other organizations. Typically these are connected to the Holocaust, to colonialism, to slavery and to problems of “transitional justice”. So “forget about it” and “forgive and forget” are no longer regarded as a live option since “historical wounds” – to use Chakrabarty’s term – are increasingly being recognized. “Historical

que permanece tóxico, contestado, e dividido politicamente, social, moral – e frequentemente – juridicamente. Assim, a história “quente” é essencialmente “Vergangenheit, die nicht vergehen will” – “o passado que não passa” – na formulação de Ernst Nolte. Poderia também se denominar de história “pós-traumática”, como faz Aleida Assmann, ou, história “catastrófica”, como John Torpey a chama. Ou poderia se chamar de “o terror da história”, como Eliade fez muito tempo atrás e Dirk Moses fez recentemente. Pode-se chamar também esse tipo de história de história “assombrada” como Henri Rousso e alguns antropologistas fazem, por causa dos fantasmas do passado que continuam a assombrar aqueles que vivem no presente.”

³⁶ Ibidem, página 46.

³⁷ BEVERNAGE, Berber, LORENZ, Chris. Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future. *Storia della Storiografia*, 63. 1/2013.

wounds” are the result of historical injustices caused by past actions of states which have not been recognized as such.”³⁸³⁹

Lorenz ainda seguindo com esta linha de pensamento, fala sobre uma mistura entre história e memória, seguindo Chakrabarty:

“Historical wounds are not the same as historical truths but the latter constitute a condition of possibility of the former. Historical truths are broad, synthetic generalizations based on researched collections of individual historical facts. They could be wrong but they are always amenable to verification by methods of historical research. Historical wounds, on the other hand, are a mix of history and memory and hence their truth is not verifiable by historians.”⁴⁰⁴¹

Temos o problema, segundo Chris Lorenz, de que cada cultura e cada historiador em geral distingue passado, presente e futuro de formas diferentes, e como cada uma se relaciona entre si também depende desta visão quase que individual. Para o autor, é irônico que os historiadores e filósofos da história não possam reivindicar totalmente ter o conhecimento de como o fenômeno presente se torna em um fenômeno passado. Assim, as culturas pós-modernas geralmente são caracterizadas por uma orientação dominante em relação ao presente⁴².

John Torpey diz que o passado está constantemente relacionado com as experiências do dia-a-dia, e que essa relação diz respeito à um “colapso do futuro”, ou de uma crescente dificuldade de criar visões políticas progressistas, segundo o autor: “Quando o futuro colapsa,

³⁸ LORENZ, Chris. Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time. **International Journal for History, Culture and Modernity**. Published by: Amsterdam University Press. Página 50.

³⁹ “Agora essa ideia de “melhorar” o passado por reparação de injustiças passadas é o fenômeno mais saliente nas políticas internacionais e doméstica das últimas décadas. Eu estou agora me referindo às reparações políticas, com o oferecimento de pedidos de desculpas oficiais, com a criação de comissões da verdade, com as comissões históricas relacionados com a compensação de trabalho escravo e roubo de propriedade, com as comissões de reconciliação história, etc. Todas essas ações representam tentativas no presente de reparar injustiças ocorridas no passado por estados e outras organizações. Tipicamente, essas são preocupações conectadas com o Holocausto, com o colonialismo, com a escravidão e com problemas de “justiça transicional”. Então “esqueça” e “perdoe e esqueça” não são mais vistas como uma opção viva já que as “feridas históricas” – para usar o termo de Chakrabarty – estão sendo cada vez mais reconhecidas. “Feridas históricas” são o resultado de injustiças históricas causadas por ações passadas de Estados que não foram reconhecidas como isto. ”

⁴⁰ LORENZ, Chris. Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time. **International Journal for History, Culture and Modernity**. Published by: Amsterdam University Press. Página 51.

⁴¹ [...] “feridas históricas não são a mesma coisa que verdades históricas, mas a última constitui uma condição de possibilidade da primeira. Verdades históricas são amplas generalizações sintéticas baseadas em coleções pesquisadas de fatos individuais históricos. Podem estar erradas, mas estão sempre acessíveis a verificações por métodos de pesquisa histórica. Feridas históricas, por outro lado, são uma mistura de história e memória e assim sua verdade não é verificável por historiadores. ”

⁴² BEVERNAGE, Berber, LORENZ, Chris. Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future. **Storia della Storiografia**, 63. 1/2013. Página 33.

o passado entra.” Este trecho está presente no artigo de Chris Lorenz e Berber Bevernage “*Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future*”. Também para Torpey, as tentativas de melhorar o passado são formas de entender que ele não se distancia mais do presente, como informa a teoria de Lorenz e Bevernage:

“John Torpey’s diagnosis of our present predicament seems to support of this view. “Since roughly the end of the Cold War,” John Torpey claims, “the distance that normally separates us from the past has been strongly challenged in favour of an insistence that the past is constantly, urgently present as part of our everyday experience.” According to Torpey this development directly relates to a “collapse of the future”, or a growing inability to create progressive political visions.”⁴³⁴⁴

Prosseguindo, Chris Lorenz trabalha com a questão da memória. Para o autor, foi a noção de memória que se tornou o “denominador comum para ancorar o passado nas experiências coletivas de grupos específicos na década de 1980.” O autor faz uma revisão sobre os estudos de memória, especialmente a partir da década de 80. Para Lorenz, o padrão moderno da história de “história e memória” começa com Pierre Nora. Na teoria de Nora, o aumento da questão da memória é uma consequência da “fragmentação do passado nacional”:

“What was going on in his view was the displacement of “national history” by “collective memories” in the plural – that is, of “group memories” underpinning sub-national collective identities. Since then, the place of the nation has been taken over by a variety “sites of memory”.”⁴⁵⁴⁶

Em relação ao conceito de história e memória e a conectividade de um com o outro, Lorenz cita Winter⁴⁷, que escreve que a História é uma disciplina, com regras e limites, enquanto a memória é uma faculdade, nós vivemos com ela e somos sustentados por ela.

⁴³ BEVERNAGE, Berber, LORENZ, Chris. *Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future. Storia della Storiografia*, 63. 1/2013. Página 39.

⁴⁴ “O diagnóstico de John Torpey de nossa situação atual parece apoiar essa visão. ‘Desde aproximadamente o fim da Guerra Fria, ’ John Torpey clama, ‘a distância que normalmente nos separa do passado têm sido contestada em favor de uma insistência de que o passado é constante, urgente, presente como parte de nossa experiência diária. ’ De acordo com Torpey esse desenvolvimento se relaciona diretamente com um ‘colapso do futuro’, ou um aumento crescente de uma inabilidade de criar visões políticas progressistas. ”

⁴⁵ LORENZ, Chris. *Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time. International Journal for History, Culture and Modernity*. Published by: Amsterdam University Press. Página 53.

⁴⁶ “O que estava acontecendo em sua visão a substituição da “história nacional” por “memórias coletivas” no plural – isso é, de um “grupo de memórias” subjacente subnacionais identidades coletivas. Desde então, o lugar da nação tem sido tomado por uma variedade de “lugares de memória”. ”

⁴⁷ LORENZ, Chris. *Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time. International Journal for History, Culture and Modernity*. Published by: Amsterdam University Press. Página 54.

Porém essas questões não querem dizer que um conceito é o oposto do outro. Para Nora, história e memória estão cada um em um pico e com um abismo em relação à outra. Lorenz escreve não saber se cada uma faz parte de uma mesma montanha ou se cada representa picos diferentes. Para o autor “[...] the past as the object of history as a discipline can only exist as long as it is “disciplined” - and thus as long as the dead refrain from haunting the living.”⁴⁸ (LORENZ, Chris. *Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time*. 2014. Página 55).

Porém, segundo Gabrielle Spiegel: “The very postulate of modern historiography is the disappearance of the past from the present”⁴⁹. (LORENZ, Chris. *Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time*. 2014. Página 55). O autor Rousso, seguindo uma linha similar de Spiegel, acredita que “liberating type of thinking, because it rejects the idea that people or societies are conditioned or determined by their past without any possibility of escaping it.” Para Rousso, os historiadores devem ir contra os “agitadores da memória” e o crescente interesse pela memória na sociedade. A partir da análise desses autores, Lorenz escreve que:

“So it seems that confronted with the “memory boom” historians like Spiegel and Rousso are just trying to put the past back in its traditional “cold” place where historians had located it since the beginning of modernity: at a safe distance from the “hot” present.”⁵⁰

Os autores Lorez e Bevernage analisam também mais a fundo a questão da “história comissionada”. Em suas visões, esse debate sobre o historiador e seu papel como ator político se envolve diretamente com esse tipo de história. A “história comissionada” seria, como exemplo, as comissões da verdade, organizadas pelos governos de diversos países, entre eles o Brasil.

⁴⁸ “[...] o passado como um objeto da história como disciplina só pode existir desde que seja “disciplinado” – e assim desde que o que é morto não assombre o que é vivo. ”

⁴⁹ “Justamente o postulado da historiografia moderna é o desaparecimento do passado no presente. ”

⁵⁰ LORENZ, Chris. *Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time*. **International Journal for History, Culture and Modernity**. Published by: Amsterdam University Press. Página 57.

⁵¹ “Assim parece que confrontado com o “memory boom” historiadores como Spiegel e Rousso estão apenas tentando colocar o passado de volta em seu tradicional espaço “frio” onde historiadores o localizaram desde o início da modernidade: em uma distância segura do presente “quente”. ”

“Even when all appearances are against them, professional historians traditionally claim to occupy (or to strive after) the position of the distant, impartial observer and not the position of the acting participant.”⁵²⁵³

Para caracterizar a periodização do tempo e o conceito de modernidade, os autores utilizam duas bases:

“That the modernist and progressivist ways of conceiving of historical time and of the relation between past and present have been fundamental and constitutive for academic history writing. However, it is also clear that these very same modernist and progressivist worldviews have been severely questioned during the last few decades – ‘postmodernism’ is the catchword here – and that this has important implications for historiography. If there is one feature that characterizes current international political and juridical dealing with the past it is the combination of an increasing distrust of progressivist notions of time and doubt about presumptions of ‘temporal distance’, or about an evident qualitative break between past, present and future.”⁵⁴⁵⁵

Ou seja, muito da “história comissionada” e da “história de reparação” fazem parte de uma ideia de que a noção de o passado não estar mais automaticamente se distanciando do presente é problemática e que além disso o passado é sobrepujado por cada novo presente também não funciona na prática.⁵⁶

Porém, essa mudança na maneira em que experienciamos o tempo não muda apenas o campo político da sociedade. As dificuldades que a história vai experimentar também são um fator do “memory boom”. O “memory boom” por sua vez está diretamente relacionado com a

⁵² BEVERNAGE, Berber, LORENZ, Chris. Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future. *Storia della Storiografia*, 63. 1/2013. Página 34.

⁵³ “Mesmo quando todas as aparências estão contra eles, os historiadores profissionais tradicionalmente reivindicam ocupar a (ou ir em busca da) posição de distantes, observadores imparciais e não a posição de participantes ativos”

⁵⁴ “Que maneiras modernistas e progressistas de conceber o tempo histórico e a relação entre passado e presente tem sido fundamental e constitutiva para a escrita da história acadêmica. Porém, é também claro que esses pontos de vista modernistas e progressistas têm sido severamente questionados durante as últimas décadas – “pós-modernismo” é a palavra-chave aqui – e isso tem importantes implicações para a historiografia. Se houvesse apenas um aspecto que caracterizasse as atuais formas políticas e jurídicas internacionais de lidarem com o passado seria uma combinação de um aumento na desconfiança de noções progressistas do tempo e dúvida em relação a preposições de “distância temporal”, ou até uma quebra qualitativa entre passado, presente e futuro.”

⁵⁵ BEVERNAGE, Berber, LORENZ, Chris. Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future. *Storia della Storiografia*, 63. 1/2013. Página 38.

⁵⁶ Idem, página 39.

crecente influência dos eventos da memória, por consequência do crescimento do reconhecimento dos movimentos dos direitos humanos e das injustiças históricas.

Para muitos historiadores o tempo é homogêneo, indivizualizado, linear, direcional e absoluto, assim como o relógio sugere, e assim sendo, o tempo não seria relativo para aquele quem o mede. Porém essa visão vem mudando desde a década de 1970, com Reinhart Koselleck. A noção do tempo também foi relativizada por teóricos pós-coloniais, pois o tempo em sua concepção seria ocidental, e impondo o mundo ocidental como o destino do resto do mundo. Então, para Lorenz e Bevernage, como os historiadores medem o tempo depende aparentemente de onde eles estão localizados no espaço-tempo. Para muitos isso apresentou situações diferentes:

“The reactions of historians to the problematization of time have been ambivalent. Some have taken the changing and alternative visions of time underlying reparations politics and the ‘memory boom’ as a welcome opportunity to critically rethink classical notions of historical time. More often, however, historians have focused precisely on allegedly ‘non-historical’ or ‘deviant’ approaches to time in order to fence off their discipline vis-à-vis memory or reparation politics and to support its claims to “hegemony in the closed space of retrospection”.⁵⁷”

Para Sabrow, como evidenciado por Lorenz, a história possui “quebras” no tempo, um exemplo disto seria o nazismo⁵⁹. Para este autor:

“As a result, the history-writing of the present is impossible: Without a break between experiencing and understanding, which is produced by a change in point of view, the writing of history remains a speculative activity based on shifting sands of interpretation, because its parameter and storylines can change continuously. No ‘objective’ break in time means, according to Sabrow, no break between the experience (Erleben) of the contemporary eyewitnesses – the *Zeitzeugen* – and the ex post understanding (Verstehen) of

⁵⁷ Ibidem, página 41.

⁵⁸“As reações dos historiadores para a problematização do tempo têm sido ambivalentes. Alguns têm tomado a mudança e as alternativas visões de tempo subjacentes às reparações políticas e o “memory boom” como uma bem-vinda oportunidade de repensar criticamente noções clássicas do tempo histórico. Mais frequentemente, contudo, historiadores têm focado precisamente nas alegadas aproximações “não-histórica” ou “desviante” ao tempo para baixar a guarda de sua disciplina frente à memória ou reparações políticas e ao apoio de suas reivindicações à “hegemonia no espaço fechado da retrospectão”. ”

⁵⁹ Ibidem, página 46.

the professional historian, and thus no break between ‘hot’ and ‘cold’, that is: ‘real’ history.”⁶⁰

Sendo assim, o “memory boom” impeliu os historiadores a procurar um novo papel profissional e legitimação teórica para o que antes era baseado em suposições. Bevernage e Lorenz deixam claro que eles não pretendem resolver alguma questão de “fronteira” entre passado, presente e futuro. Em suas concepções:

“ [...] we think it is about time to ask about the historicity of historical time, not just in the conventional sense of scrutinizing its (intellectual or cultural) genesis or genealogy, but also in the sense of its relation to past, future and above all to the present.”⁶²

Em relação à história e memória outro historiador estudado foi Enzo Traverso⁶⁴. Em sua teoria, história e memória se separaram a partir do começo do século XX, quando os paradigmas do historicismo clássico entraram em crise.⁶⁵ Para o autor a memória é “afetiva e mágica, encarregada de sacralizar tudo que é recordação, enquanto que analisa o passado, sobre o qual se constrói um “discurso crítico. A memória como sendo um “vínculo vivido no presente eterno” assim, não pode ser comparada com a história pois seria problemática e incompleta, enquanto a história é objetiva e observa uma distância em relação ao acontecimento.⁶⁶ Porém, Traverso ainda afirma que opor radicalmente história e memória pode ser perigoso, pois, segundo ele, mesmo com diferenças grandes entre esses dois campos, seria falso deduzir a partir apenas dessas diferenças que história e memória são irreduzíveis e assim incompatíveis.⁶⁷ O trabalho do historiador seria um “trabalho elaborativo” em que só apenas ele, através deste trabalho, seria capaz de quebrar o diafragma temporal.

⁶⁰ Ibidem, página 46.

⁶¹ “Como resultado, a escrita da história do presente é impossível: sem uma quebra entre experimentar e entender, que é produzida por uma mudança no ponto de vista, a escrita da história permanece uma atividade especulativa baseada em areias movediças de interpretações, porque seus parâmetros e enredos podem mudar continuamente. A falta da quebra no tempo “objetiva” significa, de acordo com Sabrow, a falta da quebra entre a experiência (Erleben) de testemunhas contemporâneas – o Zeitzzeugen – e o entender realizado pós-evento (Verstehen) do historiador profissional, e assim a falta de uma quebra entre o “quente” e o “frio”, que é: história “real”. ”

⁶² Ibidem, página 50.

⁶³ “Achamos que já é tempo de perguntar sobre a historicidade do tempo histórico, não apenas no sentido convencional de escrutinar sua (intelectual ou cultural) gênese ou genealogia, mas também no sentido de sua relação com o passado, futuro e acima de tudo, o presente. ”

⁶⁴ TRAVERSO, Enzo. El pasado, intrucciones de uso. Historia, memoria, política. Editorial: Marcial Pons Ediciones Jurídicas y Sociales, S.A. Traducción: Lucia Vogelfang.

⁶⁵ Idem, página 25.

⁶⁶ Ibidem, página 29.

⁶⁷ Ibidem, página 33.

Sendo assim Traverso escreve sobre o século XX, com a marca pela queda do muro de Berlim. Então, a partir deste século XX o autor acredita ter sido um ponto de mudança em relação à escrita da história. É também no século XX que o autor acredita ter se formado a condensação de memórias, assim as feridas que estavam fechadas voltaram a ser abertas nesse momento e assim houve um cruzamento entre história e memória.⁶⁸ Para o autor:

“El punto de inflexión de 1989 ha modificado la manera de pensar y de escribir la historia del siglo XX. Entre las transformaciones generadas, me gustaría recordar aquí al menos tres que me parecen esenciales: el auge de la historia global, el retorno del acontecimiento y el surgimiento de la memoria.”

6970

“El tiempo estancado de la Guerra Fría cedió terreno a la eclosión de una multitud de memorias antes censuradas, ocultadas o reprimidas. Erigida en nuevo paradigma de los enfoques del mundo contemporáneo, la memoria relega a un segundo plano la noción de sociedad que, entre los años sesenta y ochenta, parecía ocupar por completo la mesa de trabajo de los historiadores. La memoria, antes sólo tratada por algunos adeptos de la historia oral, adquirió de repente el estatus tanto de fuente como de objeto de investigación histórica, hasta convertirse en una suerte de etiqueta de moda, una palabra degradada, a menudo usada como sinónimo de “historia”.”⁷¹

Com a análise destes autores e teorias sobre história, memória e tempo histórico podemos compreender onde a polêmica envolvendo o Smithsonian pode ser contextualizada. Entendendo o que acontecia em termos teóricos naqueles momentos em uma “crise” da história, podemos analisar o evento com base em seu contexto. Por este motivo se faz de fundamental importância entender o que a história, a memória e o tempo representam para fins do século XX e início do século XXI.

⁶⁸ TRAVERSO, Enzo. La historia como campo de batalla : Interpretar las violencias del siglo XX . - 1a ed. - Buenos Aires : Fondo de Cultura Económica, 2012. Página 18.

⁶⁹ TRAVERSO, Enzo. La historia como campo de batalla : Interpretar las violencias del siglo XX . - 1a ed. - Buenos Aires : Fondo de Cultura Económica, 2012. Página 15.

⁷⁰ “O ponto de inflexão de 1989 modificou a maneira de pensar e escrever a história do século XX. Entre as transformações geradas, gostaria de lembrar aqui três que parecem essenciais: o auge da história global, o retorno do acontecimento e o surgimento da memória.

⁷¹ “O tempo estancado da Guerra Fria cedeu terreno à eclosão de uma multidão de memórias antes censuradas, ocultadas ou reprimidas. Erigida em um novo paradigma dos enfoques do mundo contemporâneo, a memória relega a um segundo plano a noção de sociedade que, entre os anos sessenta e oitenta, parecia ocupar por completo a mesa de trabalho dos historiadores. A memória, antes somente tratada por alguns adeptos da história oral, adquiriu de repente o status tanto de fonte como de objetivo de investigação histórica, até convertendo-se em uma espécie de etiqueta de moda, uma palavra degradada, com frequência usada como sinônimo de “história”.” Página 19.

1.4 - Visões sobre o uso da bomba atômica: um histórico de perspectivas

Para a polêmica sobre a bomba atômica ser completamente entendida, é importante fazer uma recapitulação da discussão sobre o uso da bomba. Sendo assim, este capítulo também abrange a visão e historiografia de diversos autores estudados sobre o tema.

Henry Giroux⁷², da Universidade McMaster do Canadá, escreve para a revista *Thesis Eleven*, sobre o fenômeno da bomba. Para este autor, recentemente no século XXI, perdeu-se a noção dos horrores da bomba, junto com a ansiedade e medo do século anterior, especialmente entre os intelectuais:

“At the dawn of the 21st century and the 70th anniversary of Hiroshima, it seems evident that the poisonous legacy of the atomic bomb poses a greater threat to humanity than ever before. This legacy appears to be increasingly infused with a celebration of militarism and an investment in technological fanaticism, both of which lay bare an utter disregard for the possibility of nuclear warfare and planetary obliteration. Reflecting on the tragic historical events of 1944, American intellectuals offer nothing more than a tepid response to the birth of the atomic age, which cannot but signify a moral failure and political retreat tantamount to a callous indifference to human suffering. The threat of global nuclear annihilation appears to have dissolved into a domestication of the unimaginable (Hales, 2014: 17).”⁷³⁷⁴

Para o autor, porém, a ameaça atômica é ainda mais iminente no presente século e por isso declara não compreender o fato de que a memória de Hiroshima ainda é pouco recorrente entre os intelectuais. Isto seria explicado através dos fenômenos/desastres naturais. Um estado

⁷² GIROUX, Henry A. Hiroshima and the responsibility of intellectuals: Crisis, catastrophe, and the neoliberal disimagination machine. McMaster University, Canada. **Thesis Eleven** 2015, Vol. 129(1).

⁷³ Idem, página 104.

⁷⁴“No amanhecer do século XIX e no septuagésimo aniversário de Hiroshima, parece evidente que legado venenoso da bomba atômica oferece uma ameaça à humanidade maior do que qualquer outro momento da história. Esse legado parece estar crescentemente infundido por uma celebração do militarismo e um investimento em fanatismo tecnológico, ambos repousam sobre profundo desprezo para a possibilidade de uma guerra nuclear e obliteração planetária. Refletindo na trágica história dos eventos de 1944, os intelectuais americanos não oferecem nada mais que uma morna resposta para o nascimento da era atômica, o que não pode senão significar uma falha moral e um recuo político fundamental para uma calejada indiferença pelo sofrimento humano. A ameaça de aniquilação nuclear global parece ter se dissolvido em uma domesticação do inimaginável (Hales, 2014: 17).”

de tranquilidade ética e paralização política introduzidos por catástrofes naturais é reforçado por um cinismo introduzido pela máquina neoliberal de miséria. Com as imagens de hoje com desastres acontecendo muito frequentemente e isso sendo liberado pela mídia, cria-se uma espécie de “entorpecimento” do público em geral, diante da qual imagens fortes de guerra e especialmente das bombas atômicas já não causam o mesmo efeito de choque. Ao mesmo tempo que isso ocorre, uma violência em massa torna-se individualizada, no sentido de que as imagens de sofrimento e dor são retratadas a partir de um indivíduo ao invés de uma massa de pessoas. Isso se torna parte de uma cultura, e a mídia também reproduz essas imagens de sofrimento constantemente. Com essas circunstâncias, a violência ocorrida em Hiroshima se torna “sem-face” e invisível a partir do momento que só um indivíduo representa uma legitimidade de sofrimento e morte. Giroux escreve:

“The time is ripe for the long historical struggle to ban nuclear weapons technology to come alive once more so as to shake off the authoritarian nightmare now engulfing the globe. It is time for intellectuals once again to question the deadly missions of the sixth and ninth of August.”⁷⁵⁷⁶

Para Michael Shapiro⁷⁷, professor da Universidade do Havaí, o evento da bomba atômica desde seu uso tem sido tratado nos Estados Unidos como um evento abstrato e distanciado do presente. O autor cita um evento de comemoração da Bomba ocorrido no Havaí em 1996, em seu aniversário, no dia seis de agosto. Este evento, que foi televisionado localmente, retratava uma simulação em uma facilidade militar do uso da bomba. Essa base militar ficava em Oahu (ilha que contém a capital do Havaí, Honolulu). Um grupo de famílias militares sentava em arquibancadas montadas para o evento enquanto um avião da força aérea lançava uma bomba de fumaça. Quando a fumaça se levantou, uma voz anunciou “There’s the bomb that ended the war”⁷⁸ (SHAPIRO, Michael. Hiroshima temporalities. University of Hawai’i, USA. Thesis Eleven 2015, Vol. 129. Página 41.). Isso foi recebido com aplausos da plateia.

⁷⁵ Ibidem, página 115.

⁷⁶ “Chegou a hora de a longa luta histórica para banir a tecnologia de armas nucleares voltar à luz, a fim de livrar-se do pesadelo autoritário que agora engolfa o globo. É hora para os intelectuais novamente questionarem as missões mortíferas de seis e nove de agosto.”

⁷⁷ SHAPIRO, Michael J. Hiroshima temporalities. University of Hawai’i, USA. **Thesis Eleven** 2015, Vol. 129(1).

⁷⁸ Aí está a bomba que encerrou a guerra.

Essa comemoração da bomba atômica serve como demonstração de como ela estava sendo recebida pela população estadunidense. Para os estadunidenses, a bomba era “o fim” do evento de Hiroshima.

Outra autora que analisa a questão da bomba e de sua memória, especialmente no presente, é Maja Zehfuss⁷⁹, de Manchester, na Inglaterra. Com o aniversário de setenta anos em 2015, a bomba fica de novo em evidência e para a autora isso significa que, durante o tempo em que não estava na mídia, o evento foi esquecido. Em sua visão, a forma como vamos relembrar das bombas é o que determina exatamente o que é lembrado e o que isso diz para a sociedade. É importante, especialmente, não apenas lembrar das vítimas e dos horrores que nunca mais podem ser repetidos. Enfim a autora coloca que “Memories – much like the facts – do not speak for themselves. What they say to us depends on what we are asking of them.”⁸⁰ (ZEHFUSS, MAJA. (Nuclear) war and the memory of Nagasaki: Thinking at the (impossible) limit. **Thesis Eleven** 2015, Vol. 129(1). Página 68).

⁷⁹ ZEHFUSS, MAJA. (Nuclear) war and the memory of Nagasaki: Thinking at the (impossible) limit. Politics, School of Social Sciences, The University of Manchester, Manchester, UK. **Thesis Eleven** 2015, Vol. 129(1).

⁸⁰ “Memórias – muito como os fatos – não falam por si mesmas. O que elas nos dizem depende do que perguntamos a elas.”

CAPÍTULO 2 – Uma sociedade em conflito: a exposição *Crossroads*

2.1 - *Crossroads*: a ideia da exposição e seus objetivos

O Museu NASM (National Air and Space Museum) foi criado em 1946, fazendo parte do Museu Smithsonian – ambos localizados em Washington D.C. - e o seu propósito era de memorializar o desenvolvimento nacional da aviação, além de coletar, preservar e expor equipamentos aeronáuticos de interesse histórico. O novo museu tornou-se também um *showcase* para a indústria aeronáutica e militar, sem levantar nenhuma pergunta ou debate histórico sobre o item exposto.

Quando Martin Harwit assumiu o posto de diretor, vários museus da instituição Smithsonian já faziam mais do que expor sem o devido contexto histórico, e ele quis se alinhar a essa tendência. Fez algumas exposições como teste e, como todas foram sucessos, considerou que o público estava preparado. Queria que o museu deixasse de ser templo para virar fórum. Porém, sofreu algum desconforto no NASM em sua exposição sobre a primeira guerra. Quando a exposição do Enola Gay surgiu em seus planejamentos, esses sentimentos retornaram à superfície. Museus deveriam mostrar apenas fatos neutros. Objetos por si só.

Essas questões são trazidas pelo historiador Edward Linenthal⁸¹, um dos autores utilizados para entender a grande controvérsia ao redor da exposição *Crossroads*. O debate que essa exposição gerou foi tão disputado que gerou muitos trabalhos sobre o tema, como um que me baseei para escrever este trabalho, “*History Wars: the Enola Gay and other battles for the American Past*”, organizado por Edward T. Linenthal e Tom Engelhardt. Nele, diversos autores se dedicam a analisar essa polêmica de forma a explorar mais a fundo seus motivos, sentidos e consequências.

O uso da bomba atômica trouxe muito desconforto desde a época da guerra, isso pode ser demonstrado através do descaso com o avião Enola Gay, que lançou a bomba em Hiroshima e a quantidade de vezes que mudou de lugar, até ser “esquecido”. Ficou em um depósito até 1984, quando a pressão de veteranos surtiu efeito e começou a ser restaurado pelo Smithsonian. A localização do avião nos planejamentos iniciais ainda estava em questão.

⁸¹LINENTHAL, Edward. T. ENGELHARDT, Tom. **History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past**. Metropolitan Books, Henry Holt and Company, Inc. New York. 1996.

Alguns organizadores estavam preocupados que muita ênfase no avião desvirtuaria o real propósito da exposição planejada.

Harwit foi apontado como diretor, e tinha desde o início a ideia de expor o avião Enola Gay. Ele era um judeu que tinha vívidas lembranças dos horrores da segunda guerra. Para ele, as pessoas da época não se sentiriam ultrajadas com o uso da bomba e sim aliviadas com o fim da guerra. Ele queria expor no museu questões de debates públicos. Ele também acreditava que o público precisava conhecer os perigos de uma guerra atômica. Durante seu primeiro ano como diretor, o museu foi acusado de atrasar a exposição por medo de ofender os japoneses. Criou-se o *Research Advisory Committee*, e a questão do Enola Gay entrou em suas discussões em 1988. A mensagem da exposição que planejavam criar era a de que, “strategic bombing with nuclear weapons is too horrible in an escalation of past warfare for any civilized society to contemplate.”⁸² Já era claro, nesse ponto, que a natureza celebratória do museu, seria desafiada por uma exibição do “lado negro” da aviação.⁸³

Em 1991, em uma reunião do conselho, membros se preocuparam com a agitação do público em relação à exibição. Queriam que o museu evitasse muitas discussões da controvérsia sobre o lançamento a bomba. Porém, foi votado unanimemente que o objeto Enola Gay era de importância ímpar para a exposição e que deveria ser exposto. Durante o próximo ano, o foco da exposição iria mudar de bombardeamentos estratégicos para o uso de armas atômicas e o início da era atômica. Durante esse período, veteranos já estavam expressando forte insatisfação pelo fato de o avião estar sendo exibido em um lugar falando sobre a controvérsia do uso de armas atômicas. Seria um insulto para todos os veteranos da guerra. Em 1993, já se tinha evidências de que o Enola Gay não poderia ser exposto como o museu planejava. Porém a insistência vinha de Martin Harwit e de novos curadores do museu, que entendiam o poder do avião e das diversas histórias a ele ligadas.

A exposição começou a ser pensada em 1991, mas o primeiro *script* saiu apenas em 1993, pensado por historiadores e curadores em conjunto, e a exposição seria inaugurada em 1995, como memorial dos cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial. A ideia era passar uma mensagem clara de que os horrores da bomba atômica nunca mais precisassem serem vistos pela humanidade.⁸⁴

⁸² “Bombardeio estratégico com armas nucleares é horrível demais em uma escalada de forma de guerra passada para qualquer sociedade civilizada contemplar”

⁸³ *Idem*, página 10.

⁸⁴ *Ibidem*, página 20.

A exposição de fato teria como ícone central o avião Enola Gay, que lançou a primeira bomba atômica, sobre a cidade de Hiroshima. Haveria cinco etapas por onde passariam os visitantes. A primeira mostraria a comemoração do final da guerra, ao mesmo tempo com o contraste de que as batalhas no pacífico só estariam piorando e nessa seção se lia sobre se realmente teria sido necessário o uso da bomba, apesar de oferecer um contraste com as atrocidades cometidas pelos japoneses na época da Guerra. Na segunda parte da exposição, seriam demonstrados os caminhos que levaram à decisão de jogar a bomba de fato, além da história de sua construção, e essa parte também iria demonstrar o viés político da bomba, narrando as desavenças com a União Soviética. Na terceira e maior etapa, o visitante iria se deparar com o avião Enola Gay, desde a sua criação e seu papel na guerra, até a história de seu comandante, Paul Tibbets. Na quarta etapa, a que poderia ser considerada como a mais emocionante, seriam expostos objetos e fotografias dos feridos e mortos pela bomba atômica. Na etapa final, seria debatido o legado deixado por Hiroshima e Nagasaki e sobre seu papel na rendição do Japão.

Após o *script* ter sido divulgado para pequenos grupos de interessados, como a AFA (Air Force Association), esta entidade, que já tinha se demonstrado descontente com a proposta do museu, resolve abrir uma crítica ao público e se coloca totalmente contra a exposição.⁸⁵ Para os veteranos da guerra, essa exposição traria um foco demasiadamente excessivo na parte negativa da bomba e de menos na parte celebratória de fim de guerra. Martin Harwitt, diretor do NASM na época, percebeu que as críticas estavam excessivamente duras e que ele teria que tomar uma providência. Desta forma, chamou os historiadores militares para revisarem o *script*. Segundo a análise dessa nova leva de historiadores, faltava contexto e balanço entre um “lado” e outro. Em 1994 saiu outro *script*, alterado com as mudanças sugeridas pelos historiadores militares. Porém a exposição ainda estava longe de agradar antigas associações de veteranos de guerra, pois a visão deles estava fixa em como a bomba foi necessária e que qualquer outra alternativa teria matado milhares de vidas, não só estadunidenses como também japonesas. A mídia também teve sua parte no conflito acusando o Smithsonian de não ouvir ao que os seus críticos diziam, pois eram todos argumentos válidos.

Após diversas revisões de *script*, a exposição acabou por nunca acontecer. Houve de fato uma exposição com o avião Enola Gay nos cinquenta anos do final da Segunda Guerra, porém essa contava exclusivamente a história do avião e como ele foi restaurado. Aqui os

⁸⁵ Ibidem, página 39.

heróis eram aqueles que tinham salvado o avião, e apenas estes. Foi o que chamado por um curador do NASM de “death by a thousand cuts”⁸⁶. (T. ENGELHARDT, Tom. 1996. Página 53.).

Tom Engelhardt⁸⁷ também escreve sobre a exposição *Crossroads* e seu desfecho. Em 30 de janeiro de 1995 foi anunciado o cancelamento da exposição. O secretário do *Smithsonian* ativo nesta data, Michael Heyman, deu uma declaração na época: “We made a basic error in attempting to couple a historical treatment of the use of atomic weapons with the fiftieth anniversary commemoration of the end of the war.”⁸⁸ (ENGELHARDT, Tom. 1996. Página 247). No lugar onde ficaria a exposição *Crossroads* foi localizada a fuselagem do *Enola Gay* restaurado: era uma exibição puramente técnica. Dois dos quatro ambientes foram preenchidos com histórias dos restauradores e da restauração do avião, um vídeo da tripulação com seu testemunho e histórias sobre a tripulação original. O que faltava eram as vítimas de Hiroshima e Nagasaki que perderam todo seu espaço nessa versão de uma exposição desviada de seu propósito e que se modificou de tal forma que deixou de existir.

2.2 - O debate sobre a exposição *Crossroads* e seu desenvolvimento

Marilyn B. Young⁸⁹, uma autora que estuda o tema dos debates sobre o *Enola Gay*, escreve que a metanarrativa histórica estadunidense se baseia nos Pais Fundadores. A Guerra do Vietnã veio desconstruir a integridade da narrativa. Os EUA estavam lutando lá por causa do comunismo que negaria aos vietnamitas a democracia, porém dentro de seu próprio território, os estadunidenses viam os negros apanhando diariamente pelo simples direito de votar. Nesse contexto surge um movimento forte por direitos civis. As questões da Guerra do Vietnã botaram em cheque a premissa da fundação dos EUA. Para um número de estadunidenses, essa guerra demonstrava o passado da nação. Nesse meio tempo Hollywood transformava os EUA em vítima, Vietnã no agressor e a guerra em algo que aconteceu com os

⁸⁶ “Morte por mil cortes”.

⁸⁷ ENGELHARDT, Tom. *The Victors And The Vanquished*. In: LINENTHAL, Edward. T. ENGELHARDT, Tom. **History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past**. Metropolitan Books, Henry Holt and Company, Inc. New York. 1996.

⁸⁸ Nós cometemos um erro básico ao tentar unir um tratamento histórico do uso de armas nucleares com o quinquagésimo aniversário de comemoração do fim da guerra. ”

⁸⁹ YOUNG, Marilyn B. *Dangerous History: Vietnam and the “Good War*. In: LINENTHAL, Edward. T. ENGELHARDT, Tom. **History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past**. Metropolitan Books, Henry Holt and Company, Inc. New York. 1996.

Estados Unidos, não como algo que os Estados Unidos infligiram sobre os outros. A Guerra do Vietnã veio para simbolizar o fim da era da inocência nacional.⁹⁰

Assim, os veteranos na batalha do Smithsonian eram apenas velhos lembrando de horríveis batalhas nas ilhas do Pacífico, lembrando deles mesmos como jovens assustados de serem ordenados a invadir o Japão. No fim desta batalha, foi apresentado apenas a fuselagem do Enola Gay sem contexto. “Teve uma ‘Good War’ (Boa Guerra): ela acabou quando ‘Good Men’ (Bons Homens) conduziram um ‘Good Plane’ (Bom avião) e jogaram uma ‘New Bomb’ (Bomba Nova) em ‘Bad People’ (Pessoas Más)”.⁹¹ O que essas bombas fizeram não se relacionam com os estadunidenses e sim com os outros.

Mike Wallace⁹², em seu capítulo “*Cultural War, History Front*”, escreve sobre a polêmica ocorrida a partir da exposição *Crossroads*, e os grupos nela envolvidos. Por exemplo, a AFA foi uma importante organização na crítica ao Smithsonian é importante entender que esse grupo é uma organização de veteranos e marca um contraste com a American Legion. É um braço semioficial da United States Airforce. Com o fim da Guerra Fria, a AFA sofreu modificações e diminuições no orçamento que eram demandas da comunidade liberal com esse corte de orçamento a AFA ficou ainda mais preocupada com a sua imagem do que era antes. A exposição do Enola Gay ameaça a eles diretamente e por isso seus ataques são tão ferozes.

Rush Limbaugh, um conservador envolvido no debate escreve que os conservadores perderam controle de suas maiores instituições culturais e perderam espaço para os liberais (liberais visto para os estadunidenses como representantes de uma nova forma de pensamento, mais aberta). Gramsci foi um dos grandes responsáveis por isso. Rush se preocupa muito com o politicamente correto, assim como os outros liberais. É difícil refutar mitos com fatos. Gingrich é um mestre das artes políticas, era um professor de história e combatia o revisionismo, falava do excepcionalismo estadunidenses que incluía o individualismo, a propriedade privada, a liberdade e a oportunidade. A maior parte do que ele disse sobre a história estadunidense estava errado, pois ele invocava mitos com pouca preocupação com quão verossímeis eram desde que servissem como fábulas morais. Esses dois lideraram um movimento que capturou o congresso e, exatamente nessa época surge a exposição do Enola

⁹⁰ Idem, página 201.

⁹¹ Ibidem, página 207.

⁹² WALLACE, Mike. *Cultural War, History Front*. In: LINENTHAL, Edward. T. ENGELHARDT, Tom. **History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past**. Metropolitan Books, Henry Holt and Company, Inc. New York. 1996.

Gay, que se prova um alvo muito fácil. Segundo eles o governo federal tinha o direito de determinar as interpretações históricas.⁹³

Nesse contexto de um congresso conservador, as pressões foram cada vez maiores em cima do Smithsonian e Harwit acabou se desligando como diretor do NASM. Segundo Gingrich, a briga pela exposição do Enola Gay foi um efeito de que a maioria dos estadunidenses estavam cansados de ter uma elite intelectual que dizia que eles tinham que ter vergonha de seu país. A ausência de uma ameaça comunista externa dificulta a demonização dos oponentes internos.

O cancelamento dessa exposição, segundo Mike Wallace, revelou outra ironia: que os estadunidenses estavam fugindo de um passado que os japoneses começavam agora a confrontar.⁹⁴ Os japoneses sendo pressionados por setores progressistas da esquerda política e os estadunidenses por um movimento político conservador. O problema teria sido de que o Smithsonian não estava preparado para enfrentar uma oposição tão forte, e sendo assim, uma instituição sozinha não pode oferecer um embate forte contra o congresso conservador e àqueles da sociedade que também se encontravam desconfortáveis com a exposição que o museu estava propondo.

Podemos observar que a história está se tornando cada vez mais popular e chegando mais perto do alcance do grande público. Afora o debate sobre o que é história e o que não é, podemos ver que o interesse e a procura pelas informações do passado só aumentam. Os museus se voltam cada vez mais para o público mais amplo, os Governos têm departamentos exclusivos para lidar com a história e com a memória, os locais históricos estão cada vez mais se tornando cartões postais de turismo. A questão aqui é a de que com o maior interesse, mais pessoas estão estudando o passado, assim, a quantidade de informação está se dissipando e é cada vez mais importante determinarmos o que é informação correta ou o que é informação tendenciosa.

Essa nova era de interesse ajuda a explicar também o porquê de tanta revolta a partir de uma exposição de um museu, como o Smithsonian. É importante determinar o que vamos falar sobre o passado pois ele molda grande parte do presente. Por exemplo, se realmente as pessoas entenderem que talvez um erro tenha sido cometido no passado, e que a bomba atômica fez mais mal para a sociedade do que bem, os conservadores acreditam que isso iria

⁹³ Idem, páginas 182 – 186.

⁹⁴ Ibidem, página 192.

manchar toda a visão que a população tem deles, que eles deixariam de serem heróis para se tornarem vilões.

Segundo Margaret Macmillan⁹⁵, a maneira que o público reage a uma determinada maneira de se ver a história está relacionada pelo que está se passando no momento. Como aconteceu no caso do Enola Gay no Smithsonian, pois quando os historiadores apontaram para coisas que não seriam tão boas e unilaterais do passado, isso pode ter se tornado perturbador. Afinal então, quem são os heróis? Existem heróis? Sabemos que é difícil para algumas pessoas viverem sem a noção de certo e errado, preto e branco.

Macmillan escreve que não seria fácil de lidar com a incerteza e para lidarmos melhor nos agarramos às coisas que possam ajudar, como a história. Primeiramente, ela pode nos oferecer simplicidade quando o presente é confuso. Sendo assim, historiadores tentaram estabelecer padrões elevados, ou um único padrão que explicasse toda a história. Atualmente, segundo a autora, a história vem funcionando mais como uma fuga do presente, o que é um de seus principais lados. O mundo também vem necessitando heróis, como figuras do passado que passamos a idolatrar no presente. Líderes políticos se alavancam ao se compararem com grandes figuras do passado, isso os faz ganhar estatura e legitimidade como herdeiros das tradições de suas nações. A ânsia por heróis é mais que um anseio político, por exemplo, os sobreviventes de guerras tendem a ser bem valorizados através de homenagens e queremos ouvir seus testemunhos antes que morram. Do lado dos veteranos, eles não se mostram tão interessados assim por toda essa “valorização”.

É por isso que retornamos ao passado, pois seria nele que poderíamos achar antigos valores, que seriam necessários que retornassem, devido a uma falta de credibilidade dada às autoridades atuais. No mundo secular ocidental, é a história que se encarrega de dizer qual lado é o bom e qual lado é o mau. Porém a história também pode se voltar contra nós, salientando nossos erros e nos lembrando de situações parecidas em que diferentes decisões foram tomadas. “Como se fosse um juiz, a história também questiona as inclinações dos líderes para a onipotência.”⁹⁶ Segundo a autora, os ditadores, sabem bem o poder que a história tem e por isso muitas vezes tentaram apagá-la ou reescreve-la.

A aceitação de responsabilidades, combinada com o arrependimento pode ser saudável para algumas civilizações injustas no passado. Como exemplo a África do Sul e seu

⁹⁵ MACMILLAN, Margaret. **Usos e Abusos da História**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2010.

⁹⁶ Idem, página 123.

apartheid. Neste ponto a autora se faz a pergunta de que “será proveitosos que as sociedades peçam desculpas pelas coisas que tenham feito em diversos séculos e sob as mais distintas justificativas? ”. Segundo Macmillan, as palavras têm pouco valor e muitas vezes os políticos se apoiam nesses perdões como desculpa para o fraco desempenho do presente.

A nação é um dos meios que usamos para nos definir.⁹⁷ A história fornece a maior parte do combustível para o nacionalismo, e ajuda assim a criar a memória coletiva. A comemoração dos feitos nacionais estimula e sustenta essa memória coletiva. O nacionalismo se desenvolveu tardiamente na história da evolução humana, pois, as nações foram criadas por seres humanos, no século XIX com acadêmicos estudando as linguagens. Os historiadores começaram a trabalhar então para juntar histórias que demonstrassem a existência daquela determinada nação desde os tempos mais antigos. Porém isso gera questões como, a terra de determinada nação é onde ela está agora ou onde já esteve no passado? As histórias sobre as quais o nacionalismo foi construído já existiam, só foram adaptadas para mostrar um outro lado, ou demonstrar que a nação sempre fora óbvia naquele contexto, e estas mesmas histórias ajudam a criar símbolos de vitória e símbolos de derrota. Segundo a autora, muito do que pensamos sobre símbolos e cerimônias antigas são quase sempre novas formas que cada geração vai buscar no passado para satisfazer suas necessidades do presente. Teoricamente, é fácil contestar visões nacionalistas muito radicais sobre o passado, mas não é tão fácil de abalar as convicções daqueles que acreditam nelas. Isso se encaixa no debate acerca da exposição no Smithsonian, pois aqui o debate não deixa de ser sobre uma nação, e um feito considerado “heroico” dessa nação estaria sendo contestado.

Segundo a autora, a história é usada com frequência como uma série de contos de fundo moral para aumentar a solidariedade ou para explicar de que maneira instituições importantes se desenvolveram.⁹⁸ É assim que a história se torna importante, porém isso também traria o perigo de que essa questão poderia distorcer a história e fazer ela pender mais para uma direção do que para outra. Isso nivelaria a complexidade da experiência humana e não deixaria espaço para interpretações diferentes do passado. Macmillan escreve que a história nos ajuda a entender, em primeiro lugar, aqueles com os quais temos que lidar, e em segundo lugar, a nós mesmos.⁹⁹

⁹⁷ Ibidem, página 96.

⁹⁸ Ibidem, página 157.

⁹⁹ Ibidem, página 34.

Existe uma ideia, muito forte, que acredita que aqueles que viveram em determinada época estariam mais “aptos” a falar sobre o período do que pessoas que estudaram o período posteriormente, como historiadores. Porém, isso tem um lado que as pessoas parecem não enxergar. Por exemplo, decisões militares e políticas, foram feitas em escritórios, em lugares fechados com apenas algumas pessoas, sem a consulta da população, ou até dos soldados. Como então um soldado da Segunda Guerra teria mais autoridade para falar sobre a decisão da bomba, se ele não tem conhecimento de todos os fatos por trás disso, dos documentos, do planejamento, da situação política como um todo e coisas relacionadas a isso? Existem exemplos de que a memória nem sempre é precisa, de maneira que um soldado pode dar um depoimento, porém nem sempre aquilo é exatamente o que aconteceu.

Michael Sherry escreve em “*History Wars: the Enola Gay and other battles for the American Past*”¹⁰⁰ sobre uma cultura patriótica. Para o autor, a cultura patriótica era inicialmente altamente inclusiva e estava em expansão. Misoginia, homofobia, intolerância religiosa entre outros entraram na cultura patriótica pós 1941. Esta cultura serviria para conceder poder para alguns e o negar para outros. Esses movimentos culturais chegaram a se ramificar durante a Guerra do Vietnã, diminuição da fé de que os EUA precisavam mostrar sua hegemonia. Alguns protestantes da guerra comparavam patriotismo com conservadorismo, logo, com o nascimento do Vietnã, a cultura patriótica se transformou em ortodoxia patriótica, ligadas com política conservadora e cultura conservadora. Pós a derrota da guerra no Vietnã essa cultura era motivada pela redenção de uma causa perdida e para apagar o cheiro da derrota. É focada no poder estadunidense externamente, porém nunca abandonando sua busca por vitória em casa.¹⁰¹

O debate do Enola Gay dramatizou esse processo. Dentro dele estava a noção de que apenas veteranos de guerra podiam entender o significado dos ataques atômicos. A história da Segunda Guerra Mundial pertencia somente àqueles que a lutaram. No mundo dos patrióticos ortodoxos, a questão de usar a bomba atômica estava acima de questionamentos atuais e da época. Novas verdades foram inventadas para sustentar essa mitologia. A pouca atenção dada aos japoneses demonstra como o foco dos ortodoxos patrióticos era agora interno, dentro de casa. Queriam evitar a morte estadunidenses ao máximo possível, o que vinha com uma

¹⁰⁰ SHERRY, Michael. Patriotic orthodoxy and american. In: LINENTHAL, Edward. T. ENGELHARDT, Tom. *History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past*. Metropolitan Books, Henry Holt and Company, Inc. New York. 1996.

¹⁰¹ Idem, páginas 104 – 113.

contradição com os patrióticos do passado, que chamavam de covardes aqueles que não queriam lutar no Vietnã. Para eles, os outros motivos da bomba não importavam, apenas o fato de que salvou milhares e milhares de vidas estadunidenses. Para eles, o uso da bomba atômica evitou o que poderia ser outro holocausto. Isso forma os ataques deles ao politicamente correto da exposição do Enola Gay. Auto proclamados defensores da bandeira.

Segundo Paul Boyer¹⁰², enquanto outros marcos da guerra foram celebrados, Hiroshima e Nagasaki geraram apenas debates furiosos. O fato de que a bomba atômica fez para essas cidades nunca foi assimilável para o público como uma “*good war*”. O fato das bombas foi explicado por Truman de várias formas e uma delas era da descoberta e avanço da ciência, além de ter “salvo” a vida de milhões de japoneses. Truman foi criticado na época dos ataques, mas o debate foi diminuído com o passar do tempo. Até 1960 existiram críticas, porém nessa data que essa visão crítica ganhou visibilidade acadêmica. Durante a Guerra do Vietnã os movimentos antimilitares se fortaleceram, e esse foi o momento propício para provar os motivos que levaram um antigo presidente estadunidense a chamar tamanho destrutivo poder sobre pessoas asiáticas. A época de 1965-1975 praticamente demanda uma visão cética das histórias aceitas e interpretadas de que a versão do governo era confiável. Isso deu vazão para a “*new social history*”. O grau de atenção dado à Hiroshima e Nagasaki como futuro a ser evitado se relaciona muito com o medo da guerra nuclear durante a guerra fria.

Em um período de conservadorismo político na década de 1990, foi feita uma pesquisa para ver a aceitação da decisão de Truman em diferentes etnias, raças e gêneros. Mulheres, negros, asiáticos e hispânicos aceitam menos. Uma questão que foi levantada é se Truman bombardearia a Alemanha, por causa do nazismo. Esse foi um questionamento levantado por uma questão racial, seria uma bomba atômica nos japoneses mais fácil de justificar/aceitar do que uma bomba em um país europeu como a Alemanha?

Um argumento que foi dado para Paul Boyer - e que é muito difundido até hoje - é o de que não só a bomba salvou milhões de vidas naquele momento como também salvou os milhões que não nasceriam caso esses primeiros não tivessem morrido.¹⁰³ Esse debate emocional provavelmente vai continuar enquanto os políticos continuarem capitalizando o debate e enquanto um vasto número de estadunidenses continuar convencido de que o uso da

¹⁰² BOYER, Paul. Whose History is it anyway? Memory, politics, and historical scholarship. In: LINENTHAL, Edward. T. ENGELHARDT, Tom. History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past. Metropolitan Books, Henry Holt and Company, Inc. New York. 1996.

¹⁰³ Idem, páginas 136 – 139.

bomba atômica foi essencial e justificável para seus fins. Nessa conjuntura é compreensível que os historiadores, com a sua insistência na pesquisa e a sua continuidade de quebra de mitos, sejam vistos como ameaça.

Tom Engelhardt, um dos organizadores do livro *History Wars: the Enola Gay and other battles for the American Past*, escreve sobre a controvérsia da bomba.¹⁰⁴ É importante comentar que desde 1991, quando foi televisionado um memorial à Pearl Harbor presidido por George Bush, o mesmo não teve altos níveis de audiência.¹⁰⁵ Desde aquele momento a batalha contra o revisionismo estava se fortalecendo, porque as batalhas externas - como a do Iraque - não estavam rendendo, e tinham sido vencidas muito rapidamente. Qualquer afirmação que ele fizesse nessa cerimônia ainda não podia trazer o fato de que não podia existir nenhum inimigo externo organizado, o que desestabilizava o discurso.

Analisando brevemente a questão pelo ponto de vista japonês, vemos que em 1941 os estadunidenses recém atacados já estavam vivendo uma cultura de vitória. Para os japoneses, era tudo uma questão de sobrevivência, com medo de uma cultura ocidental ser imposta sobre eles. Sempre assumiam o pior. Desde 1943, enquanto sofriam muitas derrotas em casa, o imperador continuava com um discurso triunfalista de morte. Japoneses estavam vivendo no “inferno”. Porém aqueles que viveram os horrores em Hiroshima e Nagasaki se tornaram imediatamente em vítimas, e assim se seguiu o país. Uma nova história, de uma nação de derrota, começava a surgir. A história termina e começa no “ground zero”. É o que Boyer se refere como uma cultura de “defeat”, ou seja, uma cultura “perdedora”.¹⁰⁶

Nos Estados Unidos, a questão era passar de 5 a 7 de agosto como se nada além de uma vitória tivesse acontecido. Quando a bomba explodiu, uma cultura estadunidense de vitória foi fundida com uma cultura de derrota. Foi ali que a fronteira estadunidense fechou verdadeiramente.¹⁰⁷ Uma nação foi reinventada e a outra estimulada. Cultura de supressão do outro, supressão dos japoneses, que não ocorre apenas no país dos derrotados, mas também nos EUA. Os acontecimentos são obliterados por uma nuvem de segredos. Assim, a cultura de vitória é o que vai predominar nos Estados Unidos, enquanto no Japão eles viverão a partir do fim da Segunda Guerra Mundial uma cultura de derrota.

¹⁰⁴ ENGELHARDT, Tom. The Victors And The Vanquished. In: LINENTHAL, Edward. T. ENGELHARDT, Tom. *History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past*. Metropolitan Books, Henry Holt and Company, Inc. New York. 1996.

¹⁰⁵ Idem, página 210.

¹⁰⁶ Ibidem, página 218.

¹⁰⁷ Ibidem, página 230.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Estados Unidos da década de 1990 estavam em disputa por uma memória. Podemos observar este fato através de uma exposição que nunca chegou a ocorrer de fato, a exposição *Crossroads*. Inicialmente, não se imaginaria que uma ideia de mostrar os horrores e destruição da bomba atômica seria tão absurda. Porém, a sociedade estadunidense provou que, de fato, uma ideia onde sua cultura não fosse representada como vencedora não seria válida.

Isso é apontado através da recepção em relação à exposição. Como visto, a partir do momento em que a ideia do projeto foi montada, houve uma resistência muito grande desde o início. Os veteranos de guerra, especialmente, sentiram-se pessoalmente afetados e ofendidos pelo ponto de vista tratado, onde as vítimas das bombas apareceriam cruamente. É compreensível que um veterano de guerra não quisesse se sentir um vilão, afinal, os traumas permanecem por uma vida inteira e as perdas sentidas continuam a doer. Porém, tendo feito essa consideração, precisamos considerar uma sociedade inteira que também parece querer se esquivar de seu passado.

Para compreender, porém, o que foi a polêmica envolvendo o NASM, Smithsonian, é necessário entender o evento da bomba atômica, enquadrando-o como um evento modernista, como proposto por Hayden White. O evento modernista é um evento do século XX, e é assim descrito pois não poderia ter sido imaginado em outra época anterior. Por conta de sistemas de governo e ideologias que não eram possíveis em séculos anteriores, o evento modernista se torna diferente assim dos outros grandes eventos que o precederam.

Ao se estudar a bomba atômica, o evento de Pearl Harbor aparece constantemente. Isso se dá pelo fato de que para os estadunidenses os dois eventos estão intimamente ligados. Para os veteranos de guerra e para uma sociedade em conflito pela memória, um evento “justifica” o outro. Não se quer mostrar as vítimas e os sofrimentos causados pela bomba atômica pois, afinal, os estadunidenses sofreram também, através de Pearl Harbor e de acordo com cálculos feitos por estudiosos militares estadunidenses, o lançamento da bomba chegou a “salvar” cinco milhões de vidas, que seriam as vidas que os Estados Unidos perderiam caso chegassem a invadir o Japão (contando com a vida dos japoneses que poderiam ser afetados por esta possível invasão).

A partir do estudo desses momentos e conflitos, pode-se perceber uma ligação forte entre história e memória por parte de uma sociedade que se encontrava em conflito. O resgate de uma memória frágil, onde se abriram velhas feridas, como descrito por Traverso¹⁰⁸, foi um ponto de conflito quase que instantâneo e assim se desenrolou a discussão pela exposição onde os “vencedores” foram os veteranos de guerra, a mídia, os políticos e a sociedade estadunidense que se posicionou contra a exposição *Crossroads*.

Analisando este momento com o conceito de temporalidade e história de Chris Lorenz, entendemos que, com a desintegração da ideia de progresso na década de 1980 a ideia de que podemos melhorar o passado tomou seu lugar. Entendendo isso, pode-se associar o que os Estados Unidos passaram na década de 1990. Pois, com essa desintegração a noção de memória se tornou o denominador comum para ancorar o passado nas experiências coletivas de grupos específicos e assim a memória da bomba atômica entra novamente em disputa.

Face ao exposto, foi possível percorrer um panorama não apenas do que foi o conflito do ano de 1995 (que teve início em 1991), mas também compreender o que foi o evento da bomba atômica, e mais importante, o que ela representou para a memória estadunidense da época trabalhada. Com base no conflito foi possível relacionar uma mudança na percepção da história, como trabalhada por Lorenz, e também da memória, no sentido de que o passado não está mais se distanciando do presente o que gerou o debate em torno do Smithsonian. Como estudado, John Torpey escreve que o passado está constantemente relacionado com as experiências do dia-a-dia, e segundo o autor: “Quando o futuro colapsa, o passado entra.” Esta frase é a síntese do que ocorreu nos anos 1990 nos Estados Unidos, onde uma visão de progresso e de futuro estava em disputa, sem definição, e assim, o passado, e a discussão sobre o passado, toma um lugar muito importante para o momento vivido. O cancelamento da exposição *Crossroads* original traz um significado muito importante para a compreensão de como uma sociedade se sentiu atacada e uma visão humanizada da bomba atômica não foi aceita pela maioria.

Sendo assim, por estes fatores analisados, acredita-se ter trabalhado em um assunto e conflito ainda pouco explorado no país, e assim ter contribuído para abrir caminhos para futuras pesquisas sobre o objeto de estudo.

¹⁰⁸ TRAVERSO, Enzo. La historia como campo de batalla : Interpretar las violencias del siglo XX . - 1a ed. - Buenos Aires : Fondo de Cultura Económica, 2012. Página 18.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. O que significa elaborar o passado. In: **Primeira versão**, ano VI, vol. XXI, jan.-abr. 2008.

AVILA, Arthur. A História em Tempos de Guerras Culturais: o passado do oeste norte-americano e a luta pública para definir a América nas décadas de 1980 e 1990. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 18, n. 33, p. 243-270, jul. 2011.

AVILA, Arthur. A Plane, a Bomb, a Museum: The Enola Gay Controversy at The National Museum of Air and Space of The United States (1993-1995). **Storia della Storiografia**, 65. 1/2014.

BEVERNAGE, Berber, LORENZ, Chris. Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future. **Storia della Storiografia**, 63. 1/2013.

BOSWORTH, R. J. B. **Explaining Auschwitz and Hiroshima: History Writing and the Second World War 1945-1990**. First published 1993 by Routledge, London.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHAPMAN, Jane L. ELLIN, Dan. SHERIF, Adam. **Comics, the Holocaust and Hiroshima**. First published 2015. PALGRAVE MACMILLAN. Palgrave Macmillan in the UK is an imprint of Macmillan Publishers Limited.

CRUZ, Manuel. **Adiós, História, Adiós: el abandono del pasado en el mundo actual**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2014.

GIROUX, Henry A. Hiroshima and the responsibility of intellectuals: Crisis, catastrophe, and the neoliberal disimagination machine. McMaster University, Canada. **Thesis Eleven** 2015, Vol. 129(1) 3–6^a The Author(s) 2015.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de Arte do Rio, 2014.

JELIN, Elisabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

LINENTHAL, Edward. T. ENGELHARDT, Tom. **History Wars: The Enola Gay and Other Battles for the American Past**. Metropolitan Books, Henry Holt and Company, Inc. New York. 1996.

LORENZ, Chris. Blurred Lines History, Memory and the Experience of Time. **International Journal for History, Culture and Modernity**. Published by: Amsterdam University Press.

LORENZ, Chris. Review by Chris Lorenz of: Explaining Auschwitz and Hiroshima: History Writing and the Second World War 1945-1990. **History and Theory**, Vol. 35, No. 2 (May, 1996), pp. 234-252 Published by: Wiley for Wesleyan University.

LORENZ, Chris. Unstuck in Time. Or: the sudden presence of the past. In: TILMANS, Karin; VREE, Frank van; WINTER, Jay (org.). **Performing the Past: memory, history, and identity in Modern Europe**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010.

LORENZ, Chris. It Takes Three to Tango: history between the “practical” and the “historical” past. **Storia della Storiografia**. vol. 65, n. 1. 2014.

MACMILLAN, Margaret. **Usos e Abusos da História**. Editoria Record, Rio de Janeiro, 2010.

MUDROVCIC, Maria Inés. Representar pasados en conflicto. In: MUDROVCIC, Maria Inés (org.). **Pasados em conflicto: representación, mito y memória**. Buenos Aires: Prometeo Editorial, 2009.

MUDROVCIC, Maria Ines. La nación, el tiempo histórico y la modernidad: la historia como síntoma. In: **Revista de la Facultad de Filosofía, Ciencias de la Educación y Humanidades de la Universidad de Morón**, vol. 17, 2012.

NEIMAN, Susan. Forgetting Hiroshima, remembering Auschwitz: Tales of two exhibits. Einstein Forum, Germany. **Thesis Eleven** 2015, Vol. 129(1) 3–6^a The Author(s) 2015.

ROSENZWEIG, Roy e THELEN, David. **The presence of the past: Popular Uses of History In American Life**. Columbia University Press. New York. 1998.

RUFER, Mario. Memoria sin garantías: usos del pasado y política del presente. **Anuário de investigación 2009**. UAM-X, MÉXICO. 2010.

SAITO, Hir. The A-bomb victims' plea for cosmopolitan commemoration: Toward reconciliation and world peace. Singapore Management University, Singapore. **Thesis Eleven** 2015, Vol. 129(1) 3–6^a The Author(s) 2015.

SHAPIRO, Michael J. Hiroshima temporalities. University of Hawai'i, USA. **Thesis Eleven** 2015, Vol. 129(1) 3–6^a The Author(s) 2015.

TESTER, Keith. Hiroshima: Remembering and forgetting, everything and nothing. Honorary Member, **Thesis Eleven** Centre for Cultural Sociology. Thesis Eleven 2015, Vol. 129(1) 3–6^a The Author(s) 2015.

TRAVERSO, Enzo. Memoria, olvido e reconciliación: el uso público del pasado. In: CERNADAS, Jorge & LLOVICH, Daniel (org.). **História para qué?** Buenos Aires: Prometeo Editorial, 2010.

TRAVERSO, Enzo. História y memoria: una pareja antinómica? In: **El pasado, instrucciones de uso.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

TRAVERSO, Enzo. Usos políticos del pasado. In: In: **El pasado, instrucciones de uso.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

VINYES, Ricard. La memoria del Estado. In: VINYES, Ricard (org.). **El Estado y la Memoria: gobiernos y ciudadanos frente a los traumas de la historia**, Barcelona: RBA, 2009.

WHITE, Hayden. The Modernist Event. 1995. In: WHITE, Hayden. **Figural Realism: studies on the mimesis effect.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

WHITE, Hayden. Tiempo de manifiestos. In: DE MUSSY, Luis G. & VALDERRAMA, Miguel. **Historiografía Posmoderna: conceptos, figuras, manifiestos.** Santiago de Chile: Universidade Finis Terrae/RiL, 2010.

WHITE, Hayden. El pasado práctico. In: LAVAGNINO, Nicolas & TOZZI, Veronica (org.). **Hayden White, la escritura del pasado y el futuro de la historiografía.** Buenos Aires: Eduntref, 2012.

WHITE, Hayden. **Politics, history and the practical past.** Storia della Storiografia, vol. 1, n. 61, 2012.

ZEHFUSS, Maja. (Nuclear) war and the memory of Nagasaki: Thinking at the (impossible) limit. School of Social Sciences, The University of Manchester, Manchester, UK. **Thesis Eleven** 2015, Vol. 129(1) 3–6 ^a The Author(s) 2015.

ZWIGENBER, Ran. **Hiroshima The Origins of Global Memory Culture**. University Printing House, Cambridge CB2 8BS, United Kingdom. Cambridge University. United Kingdom. First published 2014.